

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

VIVIAN ARAÚJO FONTES RIBEIRO

**ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE FACES NO CIBERESPAÇO:
ASSÉDIO SEXUAL EM CENA**

São Cristóvão/SE

2018

VIVIAN ARAÚJO FONTES RIBEIRO

**ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE FACES NO CIBERESPAÇO:
ASSÉDIO SEXUAL EM CENA**

Dissertação apresentada à banca de defesa do Programa de Pós- Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do título de mestre no Curso de Mestrado em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva.

São Cristóvão/SE

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Ribeiro, Vivian Araújo Fontes

R484e Estratégias de construção de faces no ciberespaço: assédio sexual em
cena / Vivian Araújo Fontes Ribeiro; orientadora Leilane Ramos da
Silva.– São Cristóvão, SE, 2018.

90 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe,
2018.

1. Análise do discurso. 2. Pragmática. 3. Cortesia. 4. Assédio virtual.
I. Silva, Leilane Ramos da, orient. II. Título.

CDU 81'42

VIVIAN ARAÚJO FONTES RIBEIRO

**ESTRATÉGIAS DE CONTRUÇÃO DE FACES NO CIBERESPAÇO: ASSÉDIO
SEXUAL EM CENA**

Dissertação apresentada como exigência para exame de
defesa no Curso de Mestrado em Letras, na área de
concentração Estudos Linguísticos, à seguinte comissão
julgadora:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente – Orientadora

Profa. Dra. Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
1ª Examinadora – Externa

Profa. Dra. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho - UFS
Universidade Federal de Sergipe
2ª Examinadora – Interna

Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano - UFS
Universidade Federal de Sergipe
3ª Examinadora – Interna

Dissertação defendida em ____/____/____

Dedico esta dissertação a meus pais, Valdênia e Luiz Carlos (*in memoriam*), por todo amor e dedicação, e a meu avô Walter (*in memoriam*), grande incentivador dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Eis que mais um sonho tão almejado da minha vida é concluído e preciso expressar minha gratidão a todos que estiveram comigo nesta trajetória. “Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se.” (Eclesiastes 4: 9-10).

Agradeço, primeiramente, a Deus que me iluminou desde o momento que comecei a sonhar com o mestrado, me deu sabedoria para seguir em frente e me fortaleceu nos momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva, por me orientar e me conduzir pelo caminho do conhecimento. Obrigada por toda paciência, incentivo e palavras de fé quando fraquejei. Sem você, eu não chegaria até aqui. Obrigada por tudo.

Aos membros da banca examinadora da qualificação e da defesa, Profa. Dra. Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira, Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano e Profa. Dra. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho, pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições.

À Profa. Dra. Denise Porto, por ser uma mãe acadêmica desde a graduação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos ensinamentos.

À minha mãe, Valdênia, minha maior incentivadora, que me ajudou de todas as maneiras a concluir esta etapa da minha vida. Seu amor e seu ombro amigo tornaram esse sonho possível. Obrigada por ser tão presente em minha vida.

A meu pai, Luiz Carlos (*in memoriam*), pela história de persistência que deixou marcada em mim e por seu amor que ultrapassa o tempo. Sinto sempre seu cuidado.

A meu irmão, Lucas, por sempre estar ao meu lado e por sua alegria.

A meu namorado, Matheus, por me fazer tão feliz, por toda compreensão nos momentos de tensão e por entender meu tempo.

A meus avós, Ester, Lindaura (*in memoriam*) e Antônio Walter (*in memoriam*). Em especial, a vovô Walter, meu maior exemplo de ser humano e um segundo pai para mim.

A todos os meus amigos, por me ajudarem nas dificuldades e pela torcida, em especial Débora, Monique, Samuel, Waleska, Danillo e Jaqueline.

Enfim, muito obrigada a todos!

"Lembraí do tempo que levastes para chegar aqui,
de todas as vitórias e lágrimas,
de todos os sorrisos e fracassos.

Lembraí dos sonhos realizados,
das frustrações,
das decepções colhidas.

Lembraí de tudo o que passou.
Ganhastes mais força, mais sabedoria
e finalmente podes olhar para o que há
diante de ti e perceber que apenas chegastes ao
começo.

Seja bem vindo ao começo!"

(Augusto Branco)

RESUMO

Nos estudos pragmáticos, toda interação verbal face a face é intrinsecamente ameaçadora, pois os falantes, ao entrarem em contato uns com os outros, promovem o desequilíbrio das faces e fazem uso de estratégias para protegê-las. Dessa forma, os interlocutores adotam estratégias de preservação de face, uma vez que a preocupação com a imagem social é claramente observada nos indivíduos. A preservação de face ocorre por meio do que se reconhece em Linguística como “estratégias de polidez”, utilizadas para impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou do interlocutor, com o propósito de manter o equilíbrio nas relações interpessoais. Este estudo busca refletir sobre as estratégias de preservação de face, acusação e polidez linguística nas falas e nos comentários *online* sobre o caso que envolveu o ator José Mayer Drumond, 67 anos, e a figurinista Susllem Meneguzzi Tonani, 28 anos. Analisa-se, então, o comportamento linguístico e o modo como as estratégias de construção de face se materializam nas interações, com o objetivo de investigar as acusações de motivação machista como preservação de faces. Tal análise se constitui a partir dos seguintes questionamentos: i) As matérias jornalísticas sobre o referido fato veiculam efeitos polidos? ii) Os discursos dos jornalistas, de José Mayer e das pessoas que comentaram veiculam também efeitos polidos? iii) Como são estruturados esses efeitos? iv) Como o ator José Mayer utilizou as estratégias de polidez para efetivar sua nota de esclarecimento e manter a imagem de si diante de uma polêmica? v) Até que ponto os leitores das matérias que fizeram comentários online conseguem conciliar harmonicamente a preservação de si e o respeito ao outro? Para dar conta de tal proposta, recorre-se ao aporte teórico do modelo de polidez de Brown e Levinson (2011 [1987]) e às reformulações feitas por Kerbrat-Orecchioni (2006). Dá-se vez, também, a trabalhos como os de Armengaud (2006), Pinto (2001), Paveau e Sarfati (2006), os quais lidam com grandes teorias da Linguística e, especificamente, com a Pragmática. De modo geral, os resultados obtidos na análise apontam para uma maior utilização de estratégias de polidez pelo ator, pois precisa manter um equilíbrio nas relações pessoais estabelecidas com o público; já a figurinista mostra que quer desconstruir a face dele, sem a necessidade de preservar a dela. Da mesma forma, alguns comentários *online* mostram a indignação com a denunciante por não ter denunciado o ator antes ou por ter interrompido a denúncia que houvera feito, visto que os comentadores não têm necessidade de suavizar a ameaça a sua face.

Palavras-chave: Pragmática; polidez; preservação de face.

ABSTRACT

In Politeness Theory studies, all face-to-face verbal interaction is intrinsically threatening, as speakers, by coming into contact with one another, promote imbalance of faces and use strategies to protect them. Generally, politeness is seen as a linguistic behavior used by the speaker to minimize the risks of communication and make it more harmonious. In this way, the interlocutors adopt strategies of face preservation, since the concern with the social image is clearly observed in the individuals. This study aims to reflect on face preservation strategies, prosecution and linguistic politeness in two letters addressed to the public and online commentaries on the case in which the actor Jose Mayer Drumond, 67, and the costume designer Susllem Meneguzzi Tonani, 28, were involved. This sample was collected in two journalistic articles published on the *G1* and *Folha de São Paulo* news sites on March 31st and April 4th, 2017, and the online comments chosen were among 381 comments made on one of the articles. Then, we analyze the linguistic behavior and the way in which face-building strategies materialize in the interactions, with the objective of investigating the accusations of macho motivation as face preservation. This analysis is based on the following questions: i) Do the journalistic articles about this fact convey polished effects? ii) Did the speeches of the journalists, José Mayer and the people who commented also carry polished effects? iii) How are these effects structured? iv) How did the actor José Mayer use the politeness strategies to make his clarification note and maintain the image of himself in the face of a controversy? v) To what extent do the readers of the articles that have commented on the internet harmoniously reconcile self-preservation and respect for the other? In order to account for such a proposal, the theoretical contribution of Brown and Levinson's model of politeness (2011 [1987]) and the reformulations made by Kerbrat-Orecchioni (2006) are used. It also gives rise to works such as Armengaud (2006), Pinto (2001), Paveau and Sarfati (2006), which deal with major theories of Linguistics and, specifically, with Pragmatics. In general, the results obtained in the analysis point to a greater use of strategies of politeness by the actor, since it needs to maintain a balance in the personal relationships established with the public. The costume designer shows that she wants to deconstruct his face, without the need to preserve hers. Likewise, some online commentary shows outrage at the whistleblower for not having denounced the actor before or for having interrupted the complaint he had made, since commentators have no need to soften the threat to her face.

Keywords: Pragmatics; preservation of faces; politeness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MACHISMO E ASSÉDIO SEXUAL EM GÊNEROS DIGITAIS.....	17
1.1 Gênero digital e comentário <i>online</i>	17
1.2 Gêneros jornalísticos.....	19
1.3 Assédio sexual e identificação do crime	22
2 PRAGMÁTICA E A TEORIA DA POLIDEZ	29
2.1 Algumas abordagens sobre o fenômeno da Linguagem.....	29
2.2 Em busca da definição da Pragmática.....	30
2.3 A Polidez	33
2.4 Os atos ilocucionários	33
2.5 Grice e os princípios conversacionais	36
2.6 O conceito de face de Goffman	38
2.7 O modelo de polidez de Brown e Levinson	39
2.8 Críticas ao modelo de Brown e Levinson.....	42
2.9 O modelo aperfeiçoado	43
2.10 Modalização.....	46
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1 Abordagem Metodológica	48
3.2 Constituição e explanação do <i>corpus</i>	49
3.2.1 Descrição do <i>corpus</i>	51
3.3 Análises do <i>corpus</i>	54
3.3.3 Comentários online	62
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS	79

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Classificação dos atos de fala, adaptado de Searle (2002).....	35
Quadro 2 – Atos que ameaçam as faces, de acordo com Brown e Levinson (1987 [1978]).....	40
Quadro 3 – Circunstâncias que determinam a escolha da estratégia, de acordo com Brown e Levinson (2011 [1987]).....	41
Quadro 4 – Procedimentos substitutivos, segundo Kerbrat-Orecchionni (2006).....	42
Quadro 5 – Procedimentos acompanhantes ou subsidiários, de acordo com Kerbrat-Orecchionni (2006).....	45
Quadro 6 – Informações sobre matérias do “ <i>GI</i> ” e da “ <i>Folha de São Paulo</i> ”	63
Quadro 7 – Comentários feitos no site de notícias <i>GI</i>	70
Quadro 8 – Comentários feitos no site de notícias <i>Folha de São Paulo</i>	71
Quadro 9 – Resumo dos depoimentos da figurinista e do ator.....	76
Figura 1 – Repercussão do caso do ator José Mayer e da figurinista Susllem no ciberespaço.....	50

INTRODUÇÃO

Numa interação por meio da linguagem, o falante acredita que pode usar a língua como quiser. No entanto, seu uso não é feito de forma neutra, descompromissada, há um modo mais ou menos específico para produção do que será proferido, pois a língua em uso “submete-se a condicionantes internos e externos, assim, não se pode dizer tudo, de qualquer maneira, para qualquer pessoa, e nem todos estão autorizados a dizer” (SANTOS, 2012, p. 12). Ou seja, as interações verbais são complexas e fatores pragmáticos influenciam a escolha de construções gramaticais e de vocabulário, dentro dos recursos que a língua oferece.

Em suas relações com o outro, o ser humano utiliza seus artifícios linguísticos para produzir um discurso que carregue a sua marca, a sua intenção, colocando em evidência seu posicionamento, seu comprometimento ou não com o que diz para seu interlocutor. Em decorrência desse fato, há diversos estudos voltados para as estratégias de polidez. Nessa perspectiva de estudo inserida na Pragmática, a linguagem é uma atividade intersubjetiva e intencional. Uma das intenções do fenômeno da polidez linguística é a manutenção da harmonia e do equilíbrio das relações interpessoais. Por isso, os falantes usam estratégias de polidez em suas interações verbais para mantê-las sem conflitos.

O homem coloca em evidência sua imagem social e fica exposto ao julgamento do outro. É a partir desse entendimento que o sociólogo Erving Goffman (1988) considera as interações verbais uma oportunidade em que as pessoas negociam suas imagens, podendo criar, manter ou perder a *face*. Sendo assim, os usuários da língua são indivíduos conscientes de seus atos sociais e linguísticos e dos seus discursos.

Em termos tradicionais, “polidez” costuma ser definida como um conjunto de mostras de deferência em relação a alguém ou algo. Do ponto de vista de uma teoria linguística, como, por exemplo, a proposta de Brown e Levinson (1987 [1978]), polidez é reconhecida como uma necessidade humana de manter o equilíbrio nas relações interpessoais e sua manifestação externa reúne um conjunto de estratégias por um falante para reduzir ou mesmo evitar conflitos quando os interesses entre interlocutores são distintos.

Um dos objetivos do fenômeno da polidez linguística é o de impedir, atenuar ou reparar inesperadas ameaças à face do locutor ou do interlocutor. Por isso, trabalharemos o conceito de face utilizado por Brown e Levinson (1987 [1978]). Seu quadro referencial é o mais produtivo e célebre, desse modo, será o principal modelo ao qual faremos referência, tratando a modalização como uma das estratégias de polidez, de acordo com a teoria proposta por Kerbrat-Orecchioni (2006). No fenômeno da modalização, utilizaremos os estudos realizados por Castilho & Castilho (1993) e Castilho & Elias (2012).

No presente trabalho, refletimos sobre as estratégias de preservação de face, acusação e polidez linguística nas falas e nos textos escritos sobre o caso que envolveu o ator José Mayer Drumond, 67 anos, e a figurinista Susllem Meneguzzi Tonani, 28 anos. No dia 31 de março de 2017, a figurinista Susllem Tonani, 28 anos, acusou o ator José Mayer, 67 anos, de assédio sexual durante as gravações da novela “A lei do amor”, da TV Globo. Segundo Susllem, ela recebia elogios e cantadas do ator há oito meses (do mês de agosto ao mês de março), por exemplo: “como você se veste bem”, “como a sua cintura é fina”, “fico olhando a sua bundinha e imaginando seu peitinho”, “você nunca vai dar pra mim?”. Até que em fevereiro de 2017, o ator colocou a mão na genitália da figurinista, no camarim da empresa e na presença de duas mulheres.

O que nos motivou a escolher duas matérias relacionadas a essa situação foi a utilização de estratégias de polidez, como preservação e acusação de face, e também a repercussão que causou no meio artístico e entre leitores. Essa repercussão encoraja mulheres anônimas a não aceitar o assédio sexual e denunciar, de tal maneira que as matérias dos sites de notícia rapidamente veicularam a informação, chegando a viralizar na internet.

Para isso, investigamos as estratégias de preservação e de acusação de face que integram os discursos produzidos por jornalistas, pelo próprio ator, pela figurinista aqui em destaque e vários leitores que fizeram comentários *online* sobre esse assunto, citado no parágrafo anterior. Tais estratégias podem ser observadas em falas machistas, em que se percebem, entre outros procedimentos, atenuações e oscilações de escolhas lexicais. Nessas falas específicas, os falantes procuram usar estratégias de preservação de face para manter a harmonia e para projetar uma imagem de si que seja adequada às prescrições sociais. Isso porque há maior probabilidade de obter sucesso no convívio social.

O objetivo deste estudo, então, é analisar o comportamento linguístico e as estratégias de polidez utilizadas nos argumentos favoráveis e contrários ao assédio sexual, pelo qual o ator José Mayer foi acusado, e investigar o modo como as estratégias de construção da face se materializam nas interações. Nesta pesquisa, levantamos as seguintes questões: i) As matérias jornalísticas sobre o referido fato veiculam efeitos polidos? ii) Os discursos dos jornalistas, de José Mayer, de Susllem Tonani e das pessoas que comentaram veiculam também efeitos polidos? iii) Como são estruturados esses efeitos? iv) Como o ator José Mayer utilizou as estratégias de polidez para efetivar sua nota de esclarecimento e manter a imagem de si diante de uma polêmica? v) Até que ponto os leitores das matérias que fizeram comentários online conseguem conciliar harmonicamente a preservação de si e o respeito ao outro?

A hipótese estabelecida para esta pesquisa é a de que haverá um comportamento diferenciado no uso de estratégias de preservação de face entre a acusadora, o acusado e os comentadores, estes últimos anônimos, com as especificidades de cada um e as finalidades que se propõem em cada texto, visto que há uma relação de diferenças sociais, de gênero e de opinião.

O desenvolvimento deste trabalho visa fortalecer o viés teórico em que está alinhado, contribuindo para a formação de novas pesquisas na área de linguagem do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Campus Prof. José Aloísio de Campos da Universidade Federal de Sergipe, pretendendo ampliar a pesquisa sobre marcas linguísticas nos discursos sobre problemas de assédio sexual, propagado por aqueles que têm visibilidade na sociedade. A motivação por este trabalho surgiu no grupo de estudo com a Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva e na disciplina “Introdução à Pragmática”, cursada em 2016.2 pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFS), os quais nos proporcionaram visões teóricas, discussões promissoras e possibilidades de pesquisas.

Cumpramos-nos dizer, ainda, que, no escopo do Programa de Pós-graduação em Letras (UFS) e do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS), estudos voltados para a polidez linguística têm sido realizados, tais como as dissertações: *“Polidez e inclusão: o “ser” e o “parecer” no discurso de professores sobre inclusão social da pessoa com deficiência na escola”* (SANTOS, 2012); *“Relações de sexo/gênero e polidez linguística na fala de universitários de Lagarto/SE”* (NASCIMENTO, 2015); *“Estratégias de (im) polidez no discurso de presidentiáveis*

2014: A acusação como guia” (AGUIAR, 2017) e “Atos de fala transfóbicos no ciberespaço: uma análise pragmática da violência linguística” (SILVA, 2017).

Nesta pesquisa, escolhemos o seguinte caso para ampliar a discussão acerca do uso da polidez linguística nas falas de homem e mulher em uma acusação de assédio sexual. Por isso, buscamos observar como o comportamento masculino de quem comete assédio sexual está mudando, depois que este passou a ser considerado um crime. Acreditamos que esse tipo de relação influencia na utilização de diferentes estratégias de polidez.

O *corpus* escolhido é constituído por duas matérias jornalísticas veiculadas nos sites de notícias *GI* e *Folha de São Paulo*, nos dias 31 de março e 04 de abril de 2017, e comentários *online* postados nessas duas matérias, os quais tratam do caso do ator José Mayer e da figurinista Susllem Tonani. Na seleção das matérias, priorizamos duas que fossem próximas ao fato, com relatos da figurinista e do ator, uma nota de esclarecimento dele e 402 comentários *online*.

Para dar conta das questões acima reportadas, nosso trabalho está dividido em 3 capítulos, a saber:

No capítulo 1, situamos os estudos relacionados a gênero digital, machismo e assédio sexual. Para tanto, validamos leituras como as de Marcuschi (2008), Crystal (2001), Diniz (1998) e outros, cujas pesquisas discutem gêneros textuais, entre os quais um gênero emergente, comentário *online*, e questões de assédio sexual com sua caracterização, de acordo com a legislação brasileira.

No capítulo 2, tratamos dos estudos em Pragmática e destacamos as investigações sobre a polidez linguística, focalizando no modelo elaborado por Brown e Levinson (1987 [1978]) e nas reformulações que foram feitas nesse modelo por Kerbrat-Orecchioni (2006).

No capítulo 3, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentamos a constituição do *corpus* e fazemos uma análise do *corpus*. Em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

Feita a apresentação geral do que constituirá cada capítulo do presente estudo, convidamo-los à realização da leitura.

1 MACHISMO E ASSÉDIO SEXUAL EM GÊNEROS DIGITAIS

Neste capítulo, faremos algumas considerações sobre o gênero ao qual pertencem as materialidades analisadas, enquanto gênero digital emergente. Por fim, apresentaremos o contexto da pesquisa, com a caracterização do machismo e do assédio sexual. Para tanto, lançaremos mão dos estudos de Marcuschi (2008), Crystal (2001) e Diniz (1998), os quais abordam o estudo dos gêneros textuais, entre os quais um gênero emergente, comentário *online*, e questões de assédio sexual com sua caracterização, de acordo com a legislação brasileira.

1.1 Gênero digital e comentário *online*

A partir de 1995, maior atenção tem sido dada às teorias do gênero de textos e do discurso. Isso vem, em parte, como consequência dos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa e de línguas estrangeiras que indicaram os gêneros como objeto de ensino.

Marcuschi (2008) adotou a denominação gêneros textuais e não menciona a denominação gêneros discursivos. Para ele, a expressão gênero textual tem uma noção vaga para fazer referência aos textos materializados, por isso são inúmeros. Essa definição implica diluir a fronteira entre gênero e texto. Mas esta ausência de delimitação requer cuidado para não confundir texto e discurso, uma vez que gênero textual se realiza na materialidade linguística do texto, enquanto o discurso é o que um texto produz, ou seja, se realiza nos textos. Diante das discussões sobre gêneros textuais, podemos salientar que todas se aproximam de uma família de textos que tem similaridades, e essas similaridades podem ocorrer no nível do texto ou do contexto.

A designação gênero do discurso/discursivos é adotada por Bakhtin ou por autores que fazem referência a ele. Para Bakhtin (1953/1979), os gêneros do discurso apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis: os temas (conteúdos que se tornam comunicáveis através dos gêneros); a forma composicional (elementos das estruturas comunicativas) e as marcas linguísticas ou estilo (traços da posição enunciativa do locutor). Dessa maneira, os gêneros do discurso partem sempre de uma análise dos aspectos sócio históricos do texto/enunciado, privilegiando, sobretudo, a

vontade enunciativa do locutor (sua finalidade) e buscam as marcas linguísticas (formas do texto, composição e estilo).

A introdução dos textos escritos/orais na sociedade conduziu a uma *cultura letrada* nos ambientes em que a escrita e a leitura floresceram. Tudo indica que hoje, de igual modo, a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma *cultura eletrônica*, com uma nova economia da escrita. Partindo da noção de gênero discursivo como fenômeno social e histórico, Bakhtin (2003) trata a noção de gênero do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana” e Marcuschi (2008) trata os gêneros textuais como “forma de ação social e não como entidade linguística formalmente construída”, mas são noções novas na história dos estudos linguísticos.

A partir do desenvolvimento das sociedades, dos processos de globalização e da criação da *internet*, muitas transformações ocorreram na humanidade e nas formas de interação. Consequentemente, os gêneros textuais também se transformaram e se multiplicaram. E os gêneros textuais de hoje são diferentes em relação aos do passado por causa das grandes inovações tecnológicas, da intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet inovaram, por terem uma presença marcante atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros que emergem na mídia digital são aqueles que trabalham com o discurso eletrônico, que apresentam como suporte o computador. O *Ciberespaço* traz consigo uma quantidade significativa de *gêneros emergentes*, dentre eles: *e-mail*, bate-papo virtual (*chat*), comentário *online*.

Assim, os gêneros são frutos das práticas sociais mediadas pela linguagem, que cumprem um propósito comunicativo e que se realizam através de critérios estilísticos, temáticos e composicionais mais ou menos estáveis. Quando pensamos em *gêneros emergentes*, estamos nos referindo às novas modalidades de práticas sociais mediadas pela linguagem, as quais, reiteramos, foram criadas a partir da revolução digital realizadas pela *internet*.

David Crystal (2001) escreveu seu livro *A linguagem e a internet* para tentar descobrir algo sobre o papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem. Para o autor, do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante radical gêneros existentes e desenvolve alguns realmente novos.

Contudo, um fato é incontestável: na internet e em todos os gêneros a ela ligados, a escrita continua essencial, no entanto, não é a única base, pois houve inovações.

É nesse contexto dos gêneros emergentes digitais que o comentário *online* está inscrito, enquanto recurso de interatividade e aproximação, quase que instantânea, entre os interlocutores, entre o produtor de um texto – seja lá em qual gênero for – e seus comentadores *online*. Pode-se dizer que o discurso eletrônico ainda está em estado indomado sob o ponto de vista linguístico e organizacional. O próprio estado de anonimato ou não anonimato nos comentários feitos nas matérias jornalísticas de um site de notícias, como é o caso do *corpus* desta pesquisa, favorece o lado instintivo, desde a escolha do apelido até as decisões linguísticas, estilísticas e liberalidades quanto ao conteúdo. Sem sombra de dúvidas, essa espécie de imunidade ao real (e às consequências dele) influencia na produção de comentários, dos mais diversos tipos, nas redes sociais.

De maneira geral, a comunicação mediada por computador e outros aparelhos eletrônicos abrange todos os gêneros que emergem nesse contexto. É nesse contexto dos gêneros emergentes digitais que o comentário *online* está inscrito, como recurso de interatividade e aproximação, quase instantânea, entre os interlocutores, entre o produtor de um texto e seus comentadores *online*. O comentário *online* é formado por uma sequência comunicativa na qual cada comentário é marcado pela alteridade enunciativa, haja vista que entre um comentário e outro temos a materialização textual da alternância dos sujeitos, ou seja, a identificação real ou fictícia do comentador.

Além dessas questões, podemos considerar que um comentário *online* a uma matéria jornalística:

É o grau mais importante de envolvimento de um usuário, porque exige, além de uma navegação e leitura atentas, disposição e capacidade de contribuir para a ampliação da publicação. É um outro texto, que revela o percurso construído pelo leitor e que soma outros sentidos ao primeiro. Por isso, os comentários são o grau mais intenso de interação na tríade autor, texto, leitor numa rede como o Facebook, quando se considera a modalidade escrita (BERTUCCI; NUNES, 2017, p. 11).

Assim, na análise de comentários *online*, podemos entrever os significados sociais produzidos através dos percursos de leitura adotados, dos modos como tais comentadores se orientaram no texto e no contexto, o que vem à tona justamente no momento em que os comentadores passam de leitores a escritores/enunciadores de seus

comentários, isto por meio de uma série de processos linguístico-textuais. Tais comentários *online* são feitos em reportagens jornalísticas e em outros gêneros, por isso passaremos a um tópico com contribuições teóricas sobre gêneros jornalísticos.

1.2 Gêneros Jornalísticos

Tratar de gêneros jornalísticos é uma tarefa um tanto complexa, uma vez que estudos desse tipo são recentes e, mesmo assim, não definem claramente o que é um gênero jornalístico e a sua forma de constituição. Um dos estudiosos que se destaca na área jornalística é José Marques de Melo. Com as transformações tecnológicas e culturais, a mensagem jornalística vem se adaptando, moldando-se conforme a necessidade de cada época.

Melo (1985) propõe uma classificação dos gêneros jornalísticos. Para isto, o autor adota dois critérios: o primeiro é a intencionalidade, com duas vertentes, a reprodução do real e a leitura do real. No primeiro caso, tem-se a observação da realidade e a descrição do que interessa à instituição jornalística. No segundo caso, tem-se a análise da realidade e a avaliação. A necessidade que as pessoas têm de se informarem fez com que o jornalismo se articulasse em função da informação e da opinião. Por isso o relato jornalístico assume duas modalidades: a descrição dos fatos e a versão dos fatos, necessitando estabelecer fronteiras entre a descrição e a avaliação do real. Resulta, então, o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo.

O segundo critério que Melo (1985) adota para esta outra classificação dos gêneros é a natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos, não como estrutura dos textos ou das imagens que representam e reproduzem a realidade, mas sim como “[...] articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (p.64).

Dessa forma, o autor diferencia a natureza dos gêneros que se agrupam na categoria informativa dos que se agrupam na categoria opinativa e apresenta os seguintes gêneros para estas categorias: Jornalismo informativo: Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista. E no jornalismo opinativo: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta.

Neste estudo, utilizamos duas reportagens jornalísticas como amostra, por isso trataremos sobre esse gênero. A reportagem, embora os teóricos acadêmicos que tratam do gênero jornalístico não o estabeleçam explicitamente, pode ser caracterizada em duas linhas gerais: (a) como uma notícia ampliada e (b) como um gênero autônomo.

Segundo Bahia (1990), como uma notícia ampliada, a grande notícia é a reportagem. E toda reportagem é notícia, porém o inverso não se confirma. Desta forma, a notícia não muda de natureza, mas muda de caráter ao evoluir para a categoria de reportagem. Isso porque a reportagem é um tipo de notícia com regras próprias e, por isso, adquire um valor especial e deve expor as circunstâncias sem tomar partido.

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética (BAHIA, 1990, p. 49).

Bahia (1990) divide a reportagem em: 1) título – corresponde ao anúncio do fato em si; 2) primeiro parágrafo, cabeça ou lead – corresponde ao clímax; 3) desenvolvimento da história, narrativa ou texto – corresponde ao resto da história, à narrativa dos fatos.

De acordo com este autor, o primeiro parágrafo, cabeça ou lead, relata o que há de principal nos acontecimentos, devendo conter respostas a questões: “*o quê? quem? quando? onde? como? por quê?*”. No entanto, responder a estas questões não é chave para tudo, há outros requisitos para se organizar a reportagem, como a linguagem clara, fidelidade aos fatos, veracidade, etc. para manter o interesse do público.

Melo (1985, p. 65), ao definir notícia como um “[...] relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social” – e reportagem como um “[...] relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações”, também caracteriza a reportagem como uma notícia ampliada.

Já como gênero autônomo, Coimbra, em sua obra *O texto da reportagem impressa* (1993), não traz nenhuma referência quanto ao que possa ser a reportagem, apenas trabalha com tipologia textual. O autor especifica que o texto da reportagem tem como modelos de estrutura a dissertação, a narração e a descrição. Na reportagem dissertativa, para o autor, a estrutura do texto se apoia num raciocínio explicativo

através de informações generalizadas, seguidas de fundamentação. Já na estrutura da reportagem narrativa, o texto não vai se apoiar neste raciocínio, mas conterá fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou posterioridade. A narrativa pode mostrar mudanças progressivas de estado nas pessoas e nas coisas, através do tempo.

Uma das maiores revoluções causadas pela *internet* e as multimodalidades é a possibilidade de toda e qualquer pessoa ter voz para dar sua opinião e expor seu conhecimento, movimento amplificado pelas redes sociais e por sua evolução. A comunicação deixou de ser unilateral, e a abordagem da “notícia”, da informação, pois a veracidade é questionada e a visão parcial, é altamente levantada.

Em meio a esse crescimento das vozes conectadas e online, as pessoas começaram a confundir os gêneros jornalísticos. Por isso, vale ressaltar que a reportagem é complexa de construir. São consultadas várias fontes, de diferentes empresas, indústrias e opiniões, são apontados dados de mercado, tendências e panoramas atuais de determinado assunto e com isso são pontuadas as várias questões e automaticamente respondidas pelo andar do texto. Uma reportagem tem como essência pegar dois pontos contrastantes e conflitá-los, para chegar a uma conclusão para o leitor. Portanto, uma reportagem também pode ser chamada de matéria.

Sendo assim, na análise pragmática do modo como ocorre a preservação de faces nas matérias jornalísticas e nos comentários *online*, podemos prever os significados sociais produzidos através dos percursos de leitura adotados, dos modos como tais escritores e comentadores se orientaram no texto e no contexto, isto por meio de uma série de processos linguísticos. Procederemos a uma contextualização mais ampla da pesquisa que aqui se desenvolve e também a uma exposição relativa à constituição do *corpus* para as análises.

1.3 Assédio sexual e identificação do crime

A partir do final dos anos 1980, diferentes movimentos no marco da luta por maior justiça social, por igualdade e reconhecimento, passam a mobilizar a semântica dos direitos humanos para reivindicar a intervenção punitiva do Estado como forma de defender os direitos das mulheres. O reconhecimento da violência contra a mulher como

um problema grave, reprovável, que deveria ser tratado a partir de uma intervenção estatal qualificada, foi um processo lento e gradual.

A partir de 1981, diversos estados brasileiros implementaram um serviço chamado SOS-Mulher, cujo objetivo era dar suporte às mulheres vítimas de violência, acompanhando-as, dentre outras atividades, à polícia, caso fosse necessário. As mulheres que procuravam esse serviço comumente reportavam um inadequado e humilhante atendimento nas delegacias de polícia. Assim, a redemocratização do país, a partir das eleições para governador em 1982, permitiu implementar novas políticas públicas, como a criação do Conselho Estadual da Condição Feminina - CECF no Estado de São Paulo, no ano de 1983.

Este Conselho propôs uma política pública de atendimento às mulheres vítimas de violência, caracterizada por um conjunto de serviços integrados, que incluíam a politização da questão da violência contra a mulher. Entre as inovações, estava a criação da primeira delegacia de polícia para atendimento exclusivo às mulheres vítimas de violência. A ideia era garantir que mulheres vítimas de violência pudessem receber atendimento especializado em uma delegacia onde todos os policiais e o delegado fossem do sexo feminino. Uma série de fatores convergira para a criação desta delegacia de polícia “totalmente feminina”.

Nesse contexto, a questão da violência contra a mulher começa a ser compreendida socialmente como um problema grave que requer reconhecimento e tratamento no âmbito criminal. E as delegacias da mulher abriram espaço para outros mecanismos de pacificação não previstos (escuta, aconselhamento, mediação, conciliação), os quais acabaram por institucionalizar novos procedimentos que formam um tratamento padrão, marcado pela obrigação de punir. No entanto, a violência sexual é tão antiga quanto a existência humana (SANTOS, 1999, p.85), a começar pelas primeiras considerações teóricas feitas sobre as diferenças da sexualidade entre homens e mulheres.

A efetivação de tais direitos depende diretamente da globalização jurídica. E nessas delegacias, as mulheres podiam denunciar vários tipos de crime. Nos dias de hoje, entre os crimes denunciados pelas mulheres está o assédio sexual. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss, assédio significa “insistência impertinente, perseguição, sugestão ou pretensão constantes em relação a alguém”.

A partir desse conceito, pode-se afirmar que o assédio sexual consiste na abordagem repetida de uma pessoa a outra, com a pretensão de obter favores sexuais, mediante imposição de vontade. O assédio sexual ofende a honra, a imagem, a dignidade e a intimidade da pessoa.

Destacam-se os seguintes requisitos:

a) Presença do assediado (vítima) e do assediador (agente);

b) Conduta sexual;

c) Rejeição à conduta;

d) Reiteração da conduta;

e) Relação de emprego ou de hierarquia (observe-se que esse requisito só é exigido para o crime de assédio sexual e para definir o assédio por chantagem, como adiante será esclarecido; nos outros casos, mesmo fora de relações de emprego ou hierarquia, pode ser configurado o assédio).

Em relação ao requisito da repetição da conduta, convém dizer que ele é excepcionalmente desnecessário para a configuração do assédio sexual, nos casos em que o ato, ainda que praticado uma única vez, seja bastante grave. E quanto às formas de manifestação do assédio, diz-se que pode ocorrer por intimidação (não exige hierarquia, pois a pessoa pode sentir-se tão mal que pede demissão – seria o assédio ambiental) ou por chantagem (aqui é imprescindível a hierarquia).

No âmbito jurídico, assédio sexual é ato de constranger alguém com gestos, palavras ou com emprego de violência, prevalecendo-se de relações de confiança, de autoridade ou empregatícia, com o escopo de obter vantagem sexual (DINIZ, 1998, p.122).

Em 15 de maio de 2001, por meio da Lei nº 10.224, introduziu-se no Código Penal a tipificação do crime de assédio sexual, nos seguintes termos:

Art. 216-A: “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício, emprego, cargo ou função”. A pena prevista é de detenção, de 1 (um) a 2 (dois) anos.

A partir desta lei, pode-se observar que o crime passou a ser tratado de forma rigorosa, diferente do passado, em que era tratado como crime simples. No entanto, a discussão sobre assédio sexual normalmente não é valorizada, por causa da predominância de uma cultura patriarcal e machista.

Os danos causados pelo assédio sexual são imensuráveis, tanto pelo constrangimento direto, quanto pelo medo da perda do emprego. De acordo com alguns textos e depoimentos observados nas duas reportagens jornalísticas analisadas, mulheres que vivenciam a situação não conseguem a ajuda necessária, o que piora o quadro de isolamento. Os avanços são consideráveis, mas, para que as mudanças evolutivas ocorram, é necessário repensar a cultura machista e patriarcal. Dessa forma, a mulher conquistará o respeito que deve ser intrínseco à sua sexualidade.

A inclusão do assédio sexual dentre os crimes previstos pelo Código Penal é um avanço considerável na punição dos assediadores, mas a abrangência da prevenção da conduta torna-se reduzida ao restringir o assédio sexual apenas à prática laboral. Outra questão relevante é a inexistência de meios facilitadores para a efetivação da ação penal, pois possivelmente a assediada continuará tolerando o assédio até o limite da convivência, para somente então decidir o que fazer.

Diante do exposto, para coibir e punir tal prática, o assédio sexual passou a ser considerado um crime, no sentido de evitar a violação do direito dos trabalhadores à segurança, respeito, dignidade e moralidade física e psicológica no ambiente de trabalho.

Vale ressaltar que a questão relativa ao assédio sexual passou a ser tratada com maior atenção a partir da divulgação de casos que envolviam pessoas famosas. O tema, no entanto, não é novidade, e atinge, principalmente, a mulher trabalhadora, sendo um dos instrumentos de dominação.

E, segundo Dejours (1999), é comum as trabalhadoras assediadas criarem estratégias de defesa (individuais ou coletivas) para permanecerem na normalidade do ambiente de trabalho. Uma delas é a negação do sofrimento, que gera a sensação de que as relações de trabalho "são assim mesmo" e devem ser suportadas. Para o autor, admitir o sofrimento gera vergonha às assediadas, pois estar desempregada seria demasiadamente pior do que suportar o assédio sexual laboral. Explica Dejours (1999, p.85):

[...] quando mencionamos a situação dos que sofrem por causa do trabalho, provocamos quase sempre uma reação de recuo ou de indignação, pois damos a impressão de que somos insensíveis à sorte supostamente pior dos que sofrem por causa da falta de trabalho.

Essa preocupação não é local, mas sim mundial, tanto que a Organização Internacional do Trabalho – OIT – já cuidou de definir o assédio sexual.

1.3.1 Um crime novo para hábitos velhos

A Constituição da República Federativa do Brasil, em seu artigo 1º, incisos III e IV, enuncia como um de seus fundamentos, a dignidade do ser humano e os valores sociais do trabalho. Os instrumentos normativos que incidem sobre as relações de trabalho devem visar, sempre que pertinente, a prevalência dos valores sociais do trabalho, enquanto a dignidade do trabalhador deve estar presente de forma muito consistente na aplicação das normas legais.

Entretanto, no Brasil, como já explanado anteriormente, a discriminação em razão de sexo no trabalho ainda é expressiva e majoritariamente feminina. A dificuldade da comprovação da discriminação desencoraja a busca pela punição do assediador, tal como as inúmeras decisões judiciais desfavoráveis ao pedido da assediada, como demonstra a maioria das decisões dos Tribunais brasileiros.

O projeto de Lei nº. 2.848 (7/12/1940) teve autoria da deputada Iara Bernardi e trazia uma proposta mais ampla do que a aprovada pelo Congresso Nacional. No projeto, existia o artigo 2º, que previa aumento de pena de um a dois terços, em cinco situações: a) quando o crime fosse cometido com o concurso de duas ou mais pessoas (inciso I); b) quando o agente fosse descendente, padrasto, madrasta, irmão, tutor, curador ou preceptor da vítima (inciso II); c) se o crime fosse cometido por pessoa que se prevalecesse de relações domésticas, religiosas ou de confiança da vítima (inciso III); d) quando o crime fosse cometido por quem se aproveitasse do fato de a vítima estar presa ou internada em estabelecimento hospitalar sob guarda ou custódia (inciso IV); e) se a vítima fosse considerada juridicamente incapaz (inciso V).

A redação da lei aprovada pelo Senado reduziu o conteúdo do art. 2º a um Parágrafo Único do artigo 216-A, prevendo a mesma pena para aquele que praticasse o delito prevalecendo-se de relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade (inciso

I), ou com abuso ou violação de dever inerente a ofício ou ministério (inciso II). Ocorre que o Parágrafo Único foi vetado pelo Presidente da República, o que suprimiu inúmeras exceções à punição da prática de assédio em situações concretas e comuns.

Por mais contraditório que pareça, a inclusão do assédio sexual no Código Penal não facilitou a punição dos assediadores, pois a iniciativa da ação penal será privativa da vítima, ou seja, a vítima deverá contratar um advogado para que este então inicie a ação penal. Na esfera da Justiça do Trabalho, o assédio sexual acarreta a rescisão do contrato de trabalho. Esta rescisão dar-se-á por justa causa cometida pelo empregador, considerando que o assédio sexual implica constrangimento e sofrimento moral para o assediado, que tem ofendida sua honra e boa-fama, além de expô-lo aos perigos dos males físicos que o assédio sexual poderá causar (ARRUDA, 1998, p.288).

Infelizmente, a prova do delito apresenta grande dificuldade de ser apresentada, já que na maioria das condutas de assédio sexual a cena é composta somente pelo assediante e a assediada, sem a presença de testemunhas. Já os danos causados pelo assédio sexual são imensuráveis, tanto pelo constrangimento direto entre assediante e assediada, quanto pelo medo da perda da atividade empregatícia. As mulheres que vivenciam a situação não conseguem a ajuda necessária, o que piora o quadro de isolamento e submissão da empregada ao empregador.

A evolução histórica e cultural demonstra as razões que ainda motivam homens a acreditarem ter poder sexual sobre a mulher empregada. Os avanços são consideráveis, mas é necessário repensar a cultura machista e patriarcal para que possa ser devolvida à mulher a sua sexualidade.

A inclusão do assédio sexual dentre os crimes previstos pelo Código Penal é um avanço considerável na punição dos assediadores, mas a abrangência da prevenção da conduta torna-se reduzida ao restringir o assédio sexual apenas à prática laboral¹.

Outra questão relevante é a inexistência de meios facilitadores para a efetivação da ação penal, pois possivelmente a assediada continuará tolerando o assédio até o limite da convivência. Por fim, não será qualquer mulher capaz de ingressar no

¹ Em 2006, foi aprovada a Lei n.º 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha, a qual visa proteger a mulher da violência doméstica e familiar. Contempla todas as pessoas que se identificam com o gênero feminino, hetero e homossexuais, isso quer dizer que as mulheres trans também estão incluídas. Igualmente, a vítima precisa estar em situação de vulnerabilidade em relação ao agressor. Este não precisa ser necessariamente o marido ou companheiro: pode ser um parente ou uma pessoa do seu convívio.

Judiciário com uma ação penal contra o empregador, pois além do abalo à saúde mental e física, a assediada estará sujeita também ao abalo de sua saúde financeira, principalmente se a ação não for julgada procedente. Uma vez tratadas essas breves considerações sobre assédio sexual e a questão de ser considerado um crime, no próximo capítulo, traçaremos a fundamentação teórica escolhida em nossa pesquisa.

2 PRAGMÁTICA E A TEORIA DA POLIDEZ

Neste capítulo, temos como objetivo situar as pesquisas em Pragmática e os estudos sobre a polidez linguística. Iniciamos com uma breve apresentação das concepções de linguagem ao longo da história. Em seguida, apresentamos as primeiras contribuições sobre o fenômeno da polidez inserido nos estudos da Pragmática, dando destaque ao modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), até às reformulações feitas nesse modelo por Kerbrat-Orecchioni (2006). Também retratamos os Princípios Conversacionais de Grice (1982) e o conceito de face de Goffman (1967), o qual é indispensável para o presente estudo, pois as faces são alvo de ameaças permanentes e objeto de um desejo de preservação.

2.1 Algumas abordagens sobre o fenômeno da Linguagem

No início do século XX, Ferdinand Saussure investiu esforços para que a Linguística fosse considerada uma ciência. De acordo com os dois aspectos da linguagem, o social e o individual, ele propôs a dicotomia *langue/parole* (língua/fala). No entanto, ele reconhece que os dois aspectos são complementares.

Essa divisão da Linguagem origina dois caminhos a seguir no estudo da linguagem: uma Linguística da fala e uma Linguística da língua. Essa última é o objeto de estudo de Saussure, excluindo, assim, questões relacionadas ao uso, ao sujeito da linguagem e à sua relação com o mundo.

Em meados do século XX, Chomsky propôs a dicotomia competência/desempenho. Em sendo considerada universal, ideal e inata ao homem, a competência é vista, aqui, como o objeto da ciência da linguagem, sendo o desempenho individual e particular.

Saussure e Chomsky priorizam o foco “universal”, o aspecto “abstrato” na abordagem científica do fenômeno linguístico, mas não negam seu uso, nem seu aspecto social e histórico. Por causa de suas preferências foram criticados no final do século.

Os funcionalistas também influenciaram bastante nos estudos linguísticos do século XX. Essa vertente estava concentrada na funcionalidade e nos aspectos situacionais, contextuais ou comunicacionais do uso da língua.

Em nenhuma das três vertentes citadas anteriormente considerou-se o sujeito, o falante real e a própria complexidade do fenômeno linguístico. E para dar conta dessa complexidade, na segunda metade do século XX, muitos linguistas se dedicaram aos fenômenos diretamente associados ao uso, às motivações sociais, às restrições que os usuários encontram ao fazer uso da linguagem e aos efeitos desses usos sobre os interlocutores. Essa mudança de paradigma se chamou de ‘giro da pragmática’.

Dascal (2006) propõe definir como tarefa da pragmática o estudo do uso dos meios linguísticos (ou outros), por meio dos quais um falante transmite as suas intenções comunicativas e um ouvinte as reconhece. Portanto, o objeto da pragmática é o conjunto de dispositivos semióticos relacionados à transmissão de significados dos falantes.

Na abordagem pragmática, o protagonista é o usuário e suas condições situacionais. Segundo Armengaud (2006), a Pragmática se ocupa de conceitos que estavam ausentes da filosofia da linguagem e da linguística. Tais conceitos são os de ato, contexto e desempenho. Com o conceito de ato percebe-se que a linguagem serve para representar ações e para fazer “ato de fala”. Já o conceito de contexto permite entender a situação concreta em que os atos de fala são emitidos, ou proferidos, como o lugar, o tempo, a identidade dos falantes etc. E entende-se por desempenho a realização do ato em contexto.

A pragmática tem conceitos que podem ser exportados para várias direções, então continuamos no próximo tópico buscando sua definição adequada.

2.2 Em busca da definição da Pragmática

A Pragmática é uma área de investigação linguística difícil de definir, pois há diversas possibilidades e faltam fronteiras claras com outras áreas. O termo ‘pragmática’ (*pragmatics*) foi utilizado primeiramente pelo filósofo americano Charles S. Peirce, em seu artigo “*How to make our ideas clear*”, de 1878. Mas quem divulgou

esse termo foi Charles W. Morris (1938), que estava interessado em esboçar a forma geral de uma ciência dos signos, ou semiótica. Morris (1938) criou uma tricotomia, subdividindo a Semiótica em Sintaxe, Semântica e Pragmática.

Segundo Dascal (2006), qualquer tentativa de definir a pragmática parte dessa tricotomia (sintaxe, semântica e pragmática) proposta por Charles Morris (1938) e elaborada por Rudolf Carnap (1937). A partir dessa tricotomia, a palavra pragmática passou a ser empregada de duas maneiras: o uso amplo de Morris e um uso progressivamente mais restrito, de Carnap. Durante esse período, o âmbito da pragmática foi restringido e definido por Carnap da seguinte maneira: “investigações que fazem referência aos usuários da linguagem”.

No entanto, a definição de Carnap exclui fenômenos paralelos. Por essa razão, Stephen C. Levinson (2007) acredita que a tricotomia de Morris precisa encontrar um âmbito mais amplo para Pragmática. Ele destaca a importância do contexto no estudo da Pragmática para que possa envolver

[...] as identidades dos participantes, os parâmetros temporais e espaciais do acontecimento discursivo e as crenças, o conhecimento e as intenções dos participantes do acontecimento discursivo [...] (LEVINSON, 2007, p. 5-6).

Ainda que muitos autores manifestem a dificuldade de definir a pragmática em virtude dos diferentes conceitos que apresenta, todos concordam que a pragmática é uma subárea da linguística e seu objeto de estudo é o significado da linguagem em uso. Armengaud (2006) explica que, entre as disciplinas que se originaram do encontro entre Filosofia e Linguística, a Pragmática é a mais promissora, viva, jovem e de fronteiras fluidas. Nos últimos anos, esta disciplina vem ganhando espaço em diversas reflexões, uma vez que tem interesse na imensa complexidade do uso da linguagem nos contextos sociais e estuda a linguagem do ponto de vista dos usuários, das restrições que eles encontram no uso da linguagem em interações sociais, e dos efeitos que este uso, por parte dos usuários, tem sobre os outros participantes no ato da comunicação.

Desse modo, a Pragmática está interessada na imensa complexidade do uso da linguagem nos contextos sociais e estuda a linguagem do ponto de vista dos usuários, das restrições que eles encontram no uso da linguagem em interações sociais, e dos efeitos que este uso, por parte dos usuários, tem sobre os outros participantes no ato da comunicação. Voltando-se para o uso que os usuários fazem da língua, segundo suas

escolhas em situações comunicativas concretas, essa perspectiva apresenta um quadro teórico eficaz para investigar o fenômeno da polidez.

Para Dascal (2006), a interpretação pragmática não deve ser confundida com outras formas de interpretação. Seu nicho ontológico está localizado em uma posição razoavelmente definida entre o que é codificado semanticamente e o que é determinado casualmente. A pragmática ocupa-se dos aspectos do significado transmitido pela ação linguística pela qual o falante é responsável como autor / agente intencional. Assim, surgem os fenômenos pragmáticos, como a ironia, as metáforas, os atos de fala indiretos e as implicaturas conversacionais.

A Pragmática, por ser fruto de discussões filosóficas distintas, também apresenta *múltiplas gêneses* e essa multiplicidade dá origem a correntes pragmáticas com seus direcionamentos teórico-metodológicos específicos. Segundo Armengaud (2006), na linha Peirce-Morris-Carnap e Morris-Sabeok e na linha Mead-Morris e Mead-Bateson, a pragmática aparece como um dos componentes da semiótica e reveste um aspecto essencialmente empírico e naturalista. Por outro lado, a partir de Bar-Hillel, ela entra na era da formalização.

Pode-se afirmar que a pragmática nasceu e cresceu a partir de sucessivas diversificações e unificações. Ainda hoje sua unidade não está assegurada e várias vozes estão em debate construtivo.

De acordo com Pinto (2001), as correntes de investigação pragmática são três: *o pragmatismo americano, os estudos de atos de fala e os estudos da comunicação*. Entre os pressupostos comuns a esses estudos tão heterogêneos é que ela se ocupa do uso concreto da linguagem, enfatizando seus usuários na prática linguística, e das condições que governam essa prática.

Segundo Pinto (2001), a Pragmática trabalha a partir de indícios do funcionamento da linguagem, considerando também o “erro” e a “exceção” como essenciais para a compreensão de seu uso. Dentre os tópicos de que se ocupa essa disciplina, a polidez é um dos que tem se mostrado mais produtivos, desde sua inserção nesse campo de investigação na década de 1970. Desse modo, a próxima seção será voltada aos estudos da polidez.

2.3 A Polidez

O termo polidez pode corresponder a dois significados. No senso comum, a polidez era concebida tradicionalmente como um conjunto de normas de boas maneiras. Quando ela foi inserida na área da Pragmática, passou a ser entendida como fruto da necessidade de manter a harmonia nas relações interpessoais, pois também pode ser entendida como um termo técnico usado em estudos linguísticos para se referir a estratégias usadas nas interações.

Watts (2003, p. 30-31), para diferenciar as duas formas de entender o termo polidez, propõe a seguinte denominação: polidez1 e polidez2. Segundo o autor, a polidez1 corresponde à noção do senso comum ligada a boas maneiras, e a polidez2 é vista como um comportamento linguístico utilizado pelo falante para minimizar os riscos da comunicação e torná-la mais harmoniosa possível. A polidez2 é associada por Watts (2003) ao comportamento político.

No entanto, não é tão fácil definir o que seja um comportamento polido ou não. As descrições desses comportamentos e expressões, da mesma forma que os valores atribuídos a eles, variam de cultura para cultura. Há uma grande variedade de modelos teóricos de polidez. Depois que Lakoff (1973), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987 [1978]) a inseriram na área das investigações da Pragmática, muitas pesquisas empíricas sobre esse fenômeno foram feitas.

Diante da grande quantidade de estudos feitos sobre a polidez, concentraremos nosso foco no modelo proposto por Brown e Levinson (1987 [1978]) e nas reformulações feitas por Kerbrat-Orecchioni (2004; 2006). Antes, trataremos da taxionomia dos atos ilocucionários, proposta por Searle em 1979 e faremos uma breve apresentação dos princípios conversacionais de H. P. Grice, e também de alguns conceitos da teoria da elaboração da face de Goffman (1967). Porque a originalidade de Brown e Levinson consiste, sobretudo, em cruzar Searle e Goffman, quer dizer, “reciclar” a noção do ato de fala, examinando esses atos segundo os efeitos que eles podem ter sobre as faces presentes, tornando essa noção ao mesmo tempo apta a servir de base para uma teoria nova da polidez.

2.4 Os atos ilocucionários

Em 1962, Austin observou que algumas sentenças declarativas da linguagem comum não são visivelmente usadas com intenção de fazer declarações verdadeiras ou falsas. Essas sentenças especiais que não são usadas para *dizer* coisas, mas para *fazer* coisas foram chamadas de *performativas*, diferente das declarações, asserções e enunciações que são denominadas de *constatativas*. Como nos seguintes exemplos:

- (1) O céu está azul.
- (2) Eu prometo resolver esse problema.

As sentenças do tipo (1) são *constativas*, pois são avaliadas em termos de verdade ou falsidade, na medida em que elas dão ou não dão conta de um estado de coisas e obedecem a condições de verdade (empiricamente observáveis). Enquanto as *performativas* só podem ser avaliadas como felizes ou infelizes, conforme sejam realizadas ou não, como no enunciado do tipo (2). Após essa divisão, ocorre o primeiro deslocamento para a concepção de que as performativas formam uma classe geral, que inclui as performativas explícitas e as performativas implícitas. Em seguida, ocorre o segundo deslocamento da dicotomia performativa/constatativa para uma teoria geral dos atos ilocucionários.

Para esclarecer como se pode dizer que ao enunciarmos uma sentença estamos executando ações, Austin propõe que um ato de fala é um processo complexo que se compõe de três atos intrincados. Consequentemente, origina a Teoria dos Atos de Fala, que ganha força a partir da década de 1960. Através desta teoria, ele propôs os três atos de fala: ato *locucionário*, ato *ilocucionário* e ato *perlocucionário*. Esses atos são realizados simultaneamente quando falamos: i) o ato *locucionário* é a emissão do falante de acordo com as regras de uma língua; ii) o ato *ilocucionário* atribui à emissão uma determinada força, com o objetivo de influenciar o comportamento do interlocutor; e iii) o ato *perlocucionário*, é relacionado aos efeitos produzidos no interlocutor. O ato ilocucionário está no foco de interesse de Austin e, na verdade, o termo ato de fala refere-se exclusivamente a esse tipo de ato.

Para Austin, esses três níveis de estruturação de um mesmo ato de fala não têm o mesmo estatuto em termos linguísticos. Observe um dos exemplos oferecidos por ele para ilustrar essa distinção:

Ato (i) – locucionário: Ele me disse: “Você não pode fazer isso”.

Ato (ii) – ilocucionário: ele protesta contra o meu ato

Ato (iii.a) – perlocucionário: ele me dissuade, me detém

Ato (iii.b) – Ele me chama ao bom senso etc. Ele me importuna.

De acordo com Pinto (2001), a teoria austiniana firmou-se na Linguística por meio da interpretação de John Searle, que em seu trabalho *Speech Acts* empenhou-se em produzir um acabamento nos estudos de Austin. O princípio central da tese de Searle foi que a força ilocucionária é um aspecto de significado que é inteiramente irreduzível a questões de “verdades” e “falsidades”.

Sendo assim, Searle fez um trabalho sobre os atos ilocucionários, no qual apresentou uma classificação dos tipos de atos em cinco categorias diferentes. Para fazer essa classificação, ele utiliza os seguintes critérios: o propósito ilocucionário (condição essencial), a direção de ajuste entre as palavras e o mundo (condição preliminar que inclui, também, o estatuto dos locutores), os estados psicológicos expressos (condição de sinceridade) e o conteúdo proposicional (uma relação colocada sobre o passado ou o presente, uma previsão de futuro). Observemos a classificação no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Classificação dos atos de fala

Assertivos	São atos que relacionam o falante com o enunciado que expressa, comprometendo-o com o valor da verdade de sua proposição.
Diretivos	São atos cujo objetivo é levar o interlocutor a fazer algo.
Compromissivos	Atos que têm o propósito de comprometer o falante com a realização de uma ação futura.
Expressivos	São atos que expressam um estado psicológico do falante contido no conteúdo proposicional.
Declarações	Atos que criam ou modificam um estado de coisas ao serem enunciados.

Fonte: Adaptado de Searle (2002)

De acordo com essa classificação dos atos de fala de Searle, “gabar-se”, “lamentar-se” e “afirmar” denotam os atos assertivos, especialmente porque eles

implicam o interesse do falante; os atos diretivos têm como exemplos “convidar”, “pedir”, “aconselhar” e “ordenar”; enquanto “prometer” e “jurar” denotam os atos compromissivos; os atos expressivos têm como exemplos “agradecer”, “desculpar-se” “felicitar” e, por fim, os atos declarativos que têm como exemplos “decretar” e “declarar”.

Continuemos com uma breve apresentação dos princípios conversacionais de H. P. Grice para melhor entendimento da implicatura conversacional. Seu trabalho pioneiro sobre “lógica da conversação” ainda hoje é uma contribuição importante para a explicação da comunicação indireta.

2.5 Grice e os princípios conversacionais

H. P. Grice (1982) tem como ideia principal que a interpretação pragmática é um processo *inferencial*, pois ele identificou um conflito entre o ato linguístico executado pelo falante e as expectativas que qualquer ouvinte teria em determinada circunstância.

Ele vinculou a intenção do locutor ao significado linguístico e propôs que os interlocutores, numa interação verbal, por serem racionais, cooperam para que essa transcorra de maneira adequada. Esse é o Princípio da Cooperação, em que os interlocutores atuam na conversação de acordo com os propósitos e a direção desta no momento em que falam. Ou seja, toda conversa é baseada nesse princípio. Com efeito, de um lado, uma troca verbal não se reduz a “uma sequência de marcas desconexas”, de outro lado, cada participante reconhece “um objetivo comum”. Diante disso, conforme (Grice, 1982, p. 60-61), percebemos “que sua contribuição conversacional corresponda àquilo que é exigido de você, àquilo é esperado, pelo objetivo ou a direção aceita da troca verbal na qual você está engajado”.

Grice (1982) apresentou esse princípio geral a partir de quatro máximas conversacionais que especificam os diferentes aspectos desse princípio, as quais derivam da ideia de que a conversação é um processo cooperativo. As máximas conversacionais e submáximas são as seguintes:

- Máxima da quantidade (informatividade): diga somente o necessário. a) Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto o requerido; b) Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.
- Máxima da qualidade (sinceridade): seja verdadeiro. a) Não diga o que você acredita ser falso; b) Não diga se não tiver prova suficiente.
- Máxima da relação (relevância): seja relevante.
- Máxima de modo (inteligibilidade): seja claro. a) Evite obscuridade; b) Evite ambiguidade; c) Seja breve; d) Seja ordenado.

Esse dispositivo teórico deve garantir, tanto no enunciado quanto em sua compreensão, um princípio de economia que consiste em associar uma significação mínima com o objetivo de um resultado conversacional máximo.

Grice (1982) usou o termo *implicatura* para designar as inferências feitas pelos interlocutores no enunciado e na sua relação com a situação em que ocorre. E a partir do Princípio de Cooperação que formulou, distinguiu *implicatura convencional ou lexical* de *implicatura conversacional ou discursiva*. A *implicatura convencional ou lexical* corresponde a inferências associadas ao léxico do enunciado, ao sentido convencional das palavras. Já a *implicatura conversacional ou discursiva*, como não está codificada no enunciado, está condicionada ao contexto situacional, aos saberes prévios e à intencionalidade do falante. Em uma comunicação, algumas vezes implicamos significados adicionais com o que dizemos, quando isso ocorre, cabe ao interlocutor descobrir os significados e chegar às implicaturas.

Armengaud (2006) mostra um exemplo de *implicatura conversacional ou discursiva*: recomendar, em uma carta destinada a um colega, um estudante de biologia, elogiando sua pontualidade e sua bela caligrafia é pura perfídia por parte do professor! É dar a entender, sem querer afirmá-lo explicitamente, que o estudante é um pesquisador medíocre... Esse tipo de insinuação, que se dá no discurso, é chamado por Grice de implicatura discursiva. Ela possui duas propriedades de destaque: está *fora* do significado e está *em* contexto. Portanto, a implicatura depende do contexto tomado em sentido amplo, em presença de uma finalidade.

Quando a insinuação é veiculada convencionalmente e tem como suporte a língua, o léxico e o significado das palavras, decorrem as propriedades da *implicatura*

convencional ou lexical: a) ela não é anulável pela sequência do texto; b) não depende do contexto; c) não subsiste na substituição de expressões sinônimas; ela é descartável.

De acordo com Dascal (2006), as implicaturas conversacionais não são o único tipo de “dizer sem estar dizendo” analisadas por Grice. Mas elas são o exemplo paradigmático de sua teoria pragmática e se unem perfeitamente com o critério de definição da pragmática. Baseando-se nesse modelo de interpretação pragmática, em toda comunicação o ouvinte enfrenta o problema de determinar a intenção comunicativa do falante, quando chega a uma hipótese interpretativa (gerada na ordem natural), esta deve ser aceita se não há motivo para rejeitá-la.

Os princípios conversacionais de Grice foram fundamentais para o desenvolvimento dos estudos sobre a polidez, uma vez que abriram o caminho para uma abordagem linguística de polidez, que enfatizasse o uso da língua nas estratégias linguísticas escolhidas pelos falantes. Assim, a polidez resultaria da escolha do falante ao observar alguma máxima conversacional.

Lakoff, em 1973, desenvolveu a sugestão de Grice, propondo duas máximas conversacionais: 1) Seja claro; 2) Seja polido. Para Lakoff, a finalidade da polidez é eliminar ou reduzir o atrito nas interações pessoais. E Leech (1983) propõe um Princípio da Polidez que envolve seis máximas, que são associadas a atos de fala inerentemente polidos ou impolidos, independentemente do contexto em que são produzidos. Tanto para Leech como para Lakoff há atos intrinsecamente polidos ou impolidos, ambos concebem a polidez como normas utilizadas para reduzir os conflitos em uma interação.

Na próxima seção, apresentaremos alguns conceitos da teoria da elaboração da face postulada por Goffman (1967).

2.6 O conceito de face de Goffman

Erving Goffman, com seu clássico *A Elaboração da Face* (1967), contribuiu muito com os estudos linguísticos, sobretudo com os estudos das estratégias dos atos comunicativos. O autor elabora o conceito de face como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si através daquilo que os outros presumem ser

a linha por ela tomada durante um determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, p. 1988). Sendo assim, para manter as relações sociais, é importante que os interlocutores sejam discretos e solidários, já que todos os indivíduos, em qualquer situação comunicativa, têm o desejo de construir uma imagem positiva de si.

Face é a imagem da pessoa construída socialmente, por isso é instável e dependente da confirmação dos outros. Como o autor explica, da mesma forma que é atribuída determinada face a uma pessoa, esta mesma face pode lhe ser retirada caso não se comporte de modo a merecê-la.

Segundo Goffman, o sujeito projeta uma imagem de si através de atos verbais e não verbais, que está sujeita a rupturas. E para manter a coerência de sua face, ele utiliza os trabalhos de face, isto é, “ações por meio das quais uma pessoa é capaz de tornar o que está fazendo consistente com a face. O trabalho de face serve para neutralizar “incidentes”, isto é, eventos cujas implicações simbólicas ameaçam a face” (GOFFMAN, p. 1988).

A autoimagem do indivíduo é definida a partir da imagem que o outro faz dele. Para manter a própria face, é preciso não agredir a do outro, manifestando consideração através de práticas protetoras. Dessa forma, os interlocutores preservam suas faces, a essa preservação chamamos de trabalhos da face, isto é, “ações por meio das quais uma pessoa é capaz de tornar o que está fazendo consistente com a face. O trabalho de face serve para neutralizar “incidentes”, isto é, eventos cujas implicações simbólicas ameaçam a face” (GOFFMAN, p. 1988). Cada cultura apresenta seu próprio repertório característico de práticas para salvar a face, uma vez que o salvamento desta varia de cultura para cultura.

Em seguida, apresentamos o modelo de polidez de Brown e Levinson (1987 [1978]), o qual toma como base o conceito de face estabelecido por Goffman (1967).

2.7 O modelo de polidez de Brown e Levinson

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que o modelo de polidez elaborado por Brown e Levinson (1987 [1978]) é o mais sofisticado, produtivo e célebre. Certamente, esse

modelo também é o mais referenciado pelos pesquisadores que investigam esse fenômeno.

Brown e Levinson (1987 [1978]) tomam como base o Princípio de Cooperação de Grice, pois reconhecem a racionalidade e a eficiência comunicativa como pressupostos nas interações verbais. Esses autores observam que, algumas vezes, os falantes não produzem as conversações com eficiência, pois a maior eficiência comunicativa pode pôr em risco a relação com o interlocutor.

Para eles, a face corresponde a duas necessidades básicas ou desejos que todos têm, por isso tem dois lados. O primeiro é a *face positiva*, que está relacionada à autoimagem do indivíduo, representa o desejo do ser humano de ser aprovado e admirado. O segundo é a *face negativa*, a qual está relacionada à autopreservação, representa o desejo de uma pessoa de preservar o espaço pessoal e de ter sua liberdade de ação.

Como as interações dessas duas faces são perigosas, os autores denominam esses atos de *Face Threatening Acts* – FTAs (Atos Ameaçadores à Face). De acordo com os autores, os FTAs podem ser divididos em quatro categorias, sendo cada categoria definida a partir do tipo de face que ameaça.

Quadro 2: Atos Ameaçadores a Faces, segundo Brown e Levinson (1987 [1978])

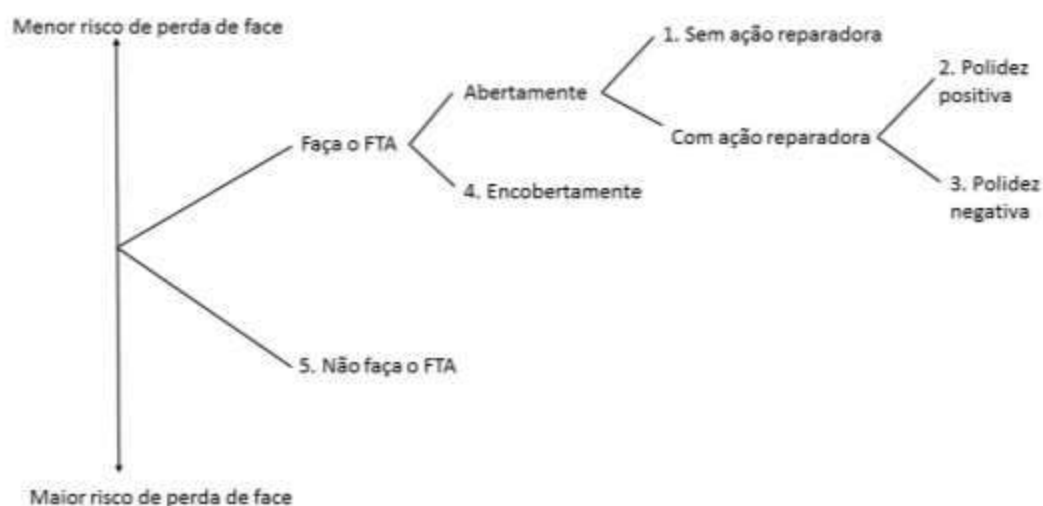
	Atos Ameaçadores à Face Negativa	Atos Ameaçadores à Face Positiva
Afetam ao Ouvinte	Atos que violam o seu território, como fazer perguntas indiscretas; Atos diretivos, como: ordenar, aconselhar, advertir; Além disso, fazer ofertas, prometer.	Atos que denotam menosprezo, como criticar, acusar, zombar e insultar; Abordar temas perigosos, polêmicos ou constrangedores para o ouvinte.
Afetam ao Falante	Atos que violam o seu território, como: agradecer, aceitar agradecimento ou pedido de desculpas, assumir a gafe do outro, aceitar ofertas, promessas	Atos autodepreciativos, como: aceitar elogios, pedir desculpas, autocriticar-se, confessar culpa.

	involuntárias.	
--	----------------	--

Fonte: Adaptado de Brown e Levinson (1987[1978])

Ao considerar que as interações são, ao mesmo tempo, alvo de constantes ameaças e objeto de um permanente desejo de preservação. A polidez, para Brown e Levinson (1987 [1978]), é uma ação reparadora tomada por um agente racional para equilibrar o efeito perturbador dos FTAs. E o falante pode escolher entre não realizar o FTA ou realizá-lo, depende do risco da perda de face.

Brown e Levinson (1987 [1978]), em seu modelo de polidez, apresentam um possível conjunto de estratégias que podem ser utilizadas a depender das circunstâncias de execução de um FTA, como podemos observar no quadro 3 a seguir:



Quadro 3: Circunstâncias que determinam a escolha da estratégia

Fonte: Brown e Levinson (2011[1987], p.60, *tradução nossa*).

Se o falante optar por realizar o FTA, ele poderá realizá-lo de forma encoberta, distanciando-se dos efeitos do FTA, ou de forma aberta, que pode ser acompanhado ou não de uma ação reparadora. Ao realizar um FTA sem ação reparadora, o falante o faz de forma direta, sem atenuadores. Já ao optar pela estratégia aberta com ação reparadora, o falante terá duas possibilidades de estratégias de polidez, a depender de

qual aspecto da face (negativa ou positiva) pretende enfatizar: polidez positiva e polidez negativa. Havendo possibilidade, o ideal é não realizar o FTA.

As estratégias de polidez positiva visam à preservação da face positiva do interlocutor. A ameaça à face do interlocutor é evitada ou minimizada por meio de três mecanismos gerais: i) reivindicar semelhanças entre o falante e o ouvinte; ii) manifestar cooperação e iii) demonstrar simpatia pelos desejos do outro.

As estratégias de polidez negativa têm como objetivo preservar a face negativa do interlocutor, minimizar ou anular os efeitos de um FTA. Ao usar essa estratégia, o falante demonstra preocupação com os sentimentos do interlocutor, com seu desejo de não ter seu território invadido.

As estratégias de polidez encobertas correspondem a metáforas, ironias, implícitos, ou seja, abrem espaço para ambiguidade, dando ao interlocutor a possibilidade de interpretar o ato de fala como ameaçador ou não. Por isso, não obrigam o falante em relação ao FTA realizado.

Para calcular a quantidade de trabalho de face nos atos, os autores, considerando os fatores contextuais, propõem a seguinte fórmula: $W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$, em que (W) representa a quantidade de trabalho de face, (x) representa o FTA, (D) representa a distância entre o falante (S) e o ouvinte (H), (P) representa o poder relativo exercido entre o ouvinte (H) e o falante (S) e (R) representa o grau de imposição do FTA. A partir dessa fórmula, o falante verifica a quantidade de trabalho de face necessária para reparar a realização de um determinado FTA.

2.8 Críticas ao modelo de Brown e Levinson

Num debate acadêmico atual sobre polidez, o modelo de Brown e Levinson recebeu diversas críticas, a exemplo da universalidade da teoria, que provocou reações e propostas de reavaliação crítica. Watts (2003) argumenta que reduzir o sistema de polidez ao trabalho de face é um engano, além de criticar a alteração que Brown e Levinson fizeram na proposta de Goffman sobre face. Eles priorizam a postura, autodefensiva negativa de sua pessoa modelo, enquanto para Goffman, a ordem organizacional é anterior à salvaguarda do eu.

Para Kerbrat-Orecchioni (2004), o problema está no conceito de imagem de Brown e Levinson que incorporam a *face negativa* em oposição à *face positiva*. E segundo ela, não existe essa oposição, porém os dois aspectos da identidade social se complementam.

Holmes (2006) identifica outro ponto frágil desse modelo: fundamenta-se na teoria dos atos de fala que toma a frase como unidade básica de análise e o falante como centro. Além de ressaltar que o contexto é crucial na avaliação de polidez e a gama de variáveis sociais é muito mais extensa do que as que Brown e Levinson identificaram (Poder, Distância e Grau de imposição).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2004), a polidez é um fenômeno universal, mas suas manifestações não. Então, a autora alega que o modelo de Brown e Levinson pode dar conta do funcionamento da polidez, contanto que se considerem as variações em relação às diferentes sociedades e culturas. Por fim, propõe o aperfeiçoamento desse modelo. Concordamos com essa colocação, pois o modelo de Brown e Levinson permite explicar de forma eficaz os fenômenos de encadeamento de atos de fala.

A seguir, apresentamos a proposta de revisão e aperfeiçoamento do modelo de polidez de Brown e Levinson, elaborada pela linguista Catherine Kerbrat-Orecchioni.

2.9 O modelo aperfeiçoado

Kerbrat-Orecchioni (2004; 2006) reconhece que limitações e confusões não invalidam o poder teórico descritivo do modelo de Brown e Levinson, visto que este pode ser ampliado e aperfeiçoado.

A autora ressalta a importância da reformulação dos atos ameaçadores às faces, um dos aspectos problemáticos do modelo é o fato de apresentar-se excessivamente pessimista em sua visão de interação, sem pensar em atos que podem ser positivos para as faces, como o elogio e o agradecimento. Para aperfeiçoar o modelo, em oposição aos FTAs, ela introduz outro tipo de ato de fala, os FFAs (*Face Flattering Acts* – Atos que valorizam a face).

Com essa inserção, há o esclarecimento das noções de polidez positiva e polidez negativa, que, segundo a autora, estão confusas no modelo de Brown e Levinson. De

acordo com a reelaboração feita por Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 82), temos a *polidez negativa* que consiste em evitar produzir um FTA ou em abrandar sua realização, por meio de algum procedimento; e a *polidez positiva* consiste em realizar algum FFA para a face negativa ou para a face positiva do destinatário.

O falante deve produzir FFAs tanto quanto abrandar FTAs para ser polido. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 84-86) apresenta os procedimentos linguísticos de polidez negativa e polidez positiva por meio dos quais os interlocutores buscam demonstrar polidez.

Os procedimentos verbais de polidez negativa, que diminuem as ameaças potenciais de um ato de fala, são classificados como substitutivos e acompanhantes.

Os procedimentos *substitutivos* substituem a formulação de um FTA mais direta por outra mais atenuada. Esses procedimentos serão apresentados a seguir, no Quadro 4:

Quadro 4: Procedimentos Substitutivos, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006)

a) Formulação indireta do ato de fala	1- Pergunta (em lugar de uma ordem, reprovação ou refutação); 2- Confissão de incompreensão (em lugar de uma crítica).
b) Recorrer a desatualizadores modais, temporais ou pessoais	1- Condicional; 2- Passado de polidez; 3- Voz passiva, impessoal ou indefinido.
c) Empregar pronomes pessoais	1- Senhor (a); 2- “Nós” ou “a gente” como formas coletivas com valor de solidariedade (substituindo “você” em enunciados negativos, e substituindo “eu” em enunciados positivos).
d) Procedimentos retóricos	1- Lítotes (em lugar de uma crítica ou reprovação); 2- Eufemismo; 3- Tropo conversacional.

Fonte: Adaptado de Kerbrat-Orecchioni (2006)

Há, ainda, procedimentos suavizadores *acompanhantes* ou *subsidiários* que acompanham a realização de um FTA, com o propósito de suavizá-lo. Esses procedimentos serão apresentados a seguir, no Quadro 5:

Quadro 5: Procedimentos Acompanhantes ou subsidiário, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006)

1. Fórmulas especializadas de polidez	Usar formas convencionais como "por favor," "se possível".
2. Enunciado preliminar	Interpelações: "Você pode me fazer um favor? "; Perguntas: "Posso te perguntar uma coisa? "; Críticas ou objeções: "Eu posso te dar uma opinião? "; Convites: "Você está livre essa noite? ".
3. Reparações	Pedido explícito de desculpas: "eu te peço desculpas". Pedido implícito de desculpas – i) descrição de um estado de alma: "Eu sinto muito"; ii) justificativa – "Estou sem dinheiro aqui"; reconhecer o erro – "Sei que estou errado".
4. Minimizadores	"É só pra saber se ...", "Você pode me dar uma ajudinha? "; o sufixo diminutivo é o minimizador preferido pelos falantes.
5. Modalizadores	"Eu penso/creio/acho/tenho a impressão que...".
6. Desarmadores	Antecipa uma possível reação negativa do destinatário do ato, e se tenta neutralizá-la: "Espero que não me interprete mal, mas...", "Não queria te incomodar, mas..."
7. Modeladores	Tipo de "suavizantes" que ajuda a engolir a pílula do FTA: " <i>Por gentileza</i> , me passe o sal", "Feche a porta, <i>meu anjo</i> ".

Fonte: Adaptado de Kerbrat-Orecchioni (2006)

A língua oferece um grande número de procedimentos que abrandam os efeitos dos FTAs, tornando o fenômeno mais rico e variado. Há, no entanto, o lado negativo dos suavizadores: os agravantes. Conforme nos afirma Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 90-91), a função dos agravantes é a de reforçar ou aumentar o impacto de um FTA, em vez de abrandá-lo e atenuá-lo. Entretanto, seu uso é mais raro quando acompanha um FTA, sendo mais comum e numeroso na formulação de FFAs.

Quanto aos procedimentos *verbais de polidez positiva*, Kerbrat-Orecchioni (2006, p.91-92) afirma que têm seu funcionamento mais simples que a polidez *negativa*. Porque consistem na produção de FFAs dirigidos ao interlocutor, como é o caso de manifestação de *acordo, agradecimento*, entre outros. Além disso, esses procedimentos, geralmente, são acompanhados por intensificadores, não por atenuantes.

A reformulação proposta por Kerbrat-Orecchioni soluciona parte dos problemas do modelo de polidez de Brown e Levinson que foram apresentados e discutidos, possibilitando, assim, um modelo ampliado e aperfeiçoado que oferece um suporte teórico consistente para a realização da análise do fenômeno da polidez linguística. Por esse motivo, tomaremos como base para a realização das nossas análises o modelo aperfeiçoado proposto por Kerbrat-Orecchioni (2006), uma vez que este modelo apresenta manifestações linguísticas da polidez. Sendo a modalização uma das manifestações linguísticas e por perceber sua incidência nos textos, passaremos para uma breve contribuição teórica sobre a modalização.

2.10 Modalização

O fenômeno da modalização ou modalidade é considerado como uma estratégia argumentativa que permite a um locutor, responsável pelo discurso, imprimir um enunciado ou um ponto de vista sobre o conteúdo de sua enunciação ou sobre a própria enunciação (NASCIMENTO, 2009, p. 1376). Essa concepção do fenômeno da modalização é desenvolvida por outros estudiosos da área, entre os quais Castilho e Castilho (2012), Santos (2012), Koch (2002), Nascimento (2009). Castilho e Castilho (1993, p. 217), por exemplo, afirmam que o termo ‘modalização’ expressa um julgamento do falante perante a proposição.

Os modalizadores são elementos que ativam modalidade no discurso. Assim, a própria enunciação já implica no ato de modalizar. Reforçando essa definição, Koch (2002) apresenta os modalizadores como sendo todos os elementos linguísticos que estão vinculados à produção do enunciado e que funcionam como “indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso”.

Na modalização linguística, há uma classificação com três tipos de modalidade: alética, deôntica e epistêmica. Segundo Cervoni (1987), a modalidade alética

reporta ao eixo da existência, à verdade do conteúdo proposicional. É a modalidade lógica, por excelência, sendo a deôntica e epistêmica “decorrentes de um esforço dos lógicos para levar em conta analogias evidentes que apresentam em muitas línguas a expressão do dever e do saber e a do verdadeiro (com seus diferentes graus)” (p.59, grifos do autor).

A “modalização epistêmica” ocorre quando o locutor expressa uma avaliação sobre o valor de verdade da proposição, comprometendo-se ou não com o conteúdo exposto. Esta se divide em *i) asseverativa*, em que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, logo se compromete com o dito; *ii) quase-asseverativa*, em que o falante considera o conteúdo da proposição quase certo ou como uma hipótese a ser confirmada e por isso não se responsabiliza pelo valor de verdade da proposição; e *iii) delimitadora*, que estabelece os limites em que se deve entender a proposição.

Os modalizadores da ‘modalização deôntica’ indicam que o falante considera o conteúdo da proposição como algo que deve ou precisa ocorrer obrigatoriamente.

O terceiro tipo, denominado ‘modalização avaliativa’, é aquele que expressa “uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, excetuando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica” (NASCIMENTO, 2009, p. 66).

Nos três tipos de modalização, a avaliação é sempre feita também em face da interlocução, uma vez que a escolha em avaliar o conteúdo da proposição indica, ao mesmo tempo, como o falante quer que essa proposição seja lida. Então, além das três modalidades apresentadas anteriormente, incluímos uma modalização com nomenclatura relativamente instável. Koch (2002) afirma que a modalização “pode indicar juízos de valor”. Tomamos a denominação estabelecida por Silva (2005), “modalização avaliativa”, pois vai além da expressão emocional do falante e indica uma avaliação dele para o conteúdo proposicional.

Para trabalhar este “novo” tipo de modalização levamos em consideração a existência de adjetivos e advérbios de natureza avaliativa. Castilho e Elias (2012) corroboram com a afirmação citada por Silva (2005), apresentando propriedades semânticas dos adjetivos e dos advérbios, os primeiros sendo classificados como *predicativos*, *não predicativos* e *dêiticos*, e os segundos sendo divididos em *predicadores*, *verificadores* e *dêiticos*.

No próximo capítulo, traçaremos a metodologia escolhida em nossa pesquisa e a contextualização e constituição do *corpus*.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentaremos inicialmente os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, assim como os instrumentos que foram necessários para constituirmos o *corpus*. Explanamos sobre o fato que envolveu o ator José Mayer Drumond e a figurinista Susllem Meneguzzi Tonani, através das matérias disponíveis nos sites de notícias *GI* e *Folha de São Paulo*, no período de 31 de março a 04 de abril de 2017, e, por fim, analisamos e discutimos os dados, conforme o referencial teórico apresentado nos capítulos 1 e 2.

3.1 Abordagem Metodológica

Preferimos conduzir uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho interpretativo, pois este parece ser um paradigma de pesquisa eficaz quando o objetivo desejado não é quantificar e generalizar, mas descrever fenômenos das estratégias de polidez utilizadas nas matérias jornalísticas, a fim de que possam ser entendidos e interpretados. As características da pesquisa qualitativa são exploratórias, descritivas e orientadas pelo processo, configura-se de forma distinta em relação à pesquisa quantitativa.

A pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. O desenvolvimento desse estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados (MANNING, 1979, p.668). Há uma diversidade entre os trabalhos qualitativos. Godoy (1995) enumera características capazes de identificar uma pesquisa desse tipo: (1) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) o caráter descritivo; (3) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; (4) enfoque indutivo.

Nessa perspectiva, considerando nosso propósito de investigar as estratégias de construção de face utilizada pelo ator José Mayer em momentos caracterizados como assédio sexual, bem como os aspectos específicos do comportamento linguístico de

homens em relação ao uso dessas estratégias, buscamos não apenas identificar e descrever as estratégias de construção de face utilizada em duas matérias jornalísticas e comentários *online*, mas também discuti-las à luz do referencial teórico apresentado no capítulo anterior.

Dessa forma, situando-nos numa pesquisa que toma a linguagem como prática cultural, histórica e socialmente situada, que tem como objetivo investigar as acusações de motivação machista como preservação de faces, não nos seria coerente a validação de posições metodológicas que visassem à descrição de padrões generalizantes. Com base em tais pressupostos, apresentaremos mais adiante quais as intenções que nortearam a construção do *corpus*, sua delimitação e o modo como procederemos à sua análise, em consonância com as perspectivas teóricas adotadas.

A análise do *corpus* volta-se para a compreensão dos seguintes questionamentos: i) As matérias jornalísticas sobre o referido fato veiculam efeitos polidos? ii) Os discursos dos jornalistas, de José Mayer, de Suslem Tonanai e das pessoas que comentaram veiculam também efeitos polidos? iii) Como são estruturados esses efeitos? iv) Como o ator José Mayer utilizou as estratégias de polidez para efetivar sua nota de esclarecimento e manter a imagem de si diante de uma polêmica? v) Até que ponto o leitores das matérias que fizeram comentários online conseguem conciliar harmonicamente a preservação de si e o respeito ao outro?

Para respondermos aos questionamentos, tomaremos como base o modelo de polidez proposto por Brown e Levinson (1987 [1978]), seguindo também as reformulações feitas por Kerbrat-Orecchioni (2006). Assim, valemo-nos das contribuições teóricas apresentadas nos capítulos 1 e 2.

3.2 Constituição e explanação do *corpus*

Tendo em vista nosso objetivo mais geral neste trabalho, investigar o modo como as estratégias de construção da face se materializam nas interações, buscamos constituir um *corpus* que fosse produtivo no estudo dessa questão e inovador nessa linha de pesquisa. Dessa forma, decidimos escolher um tipo de situação comunicativa com o objetivo de oferecer novas percepções sobre o problema de estratégias de acusação em

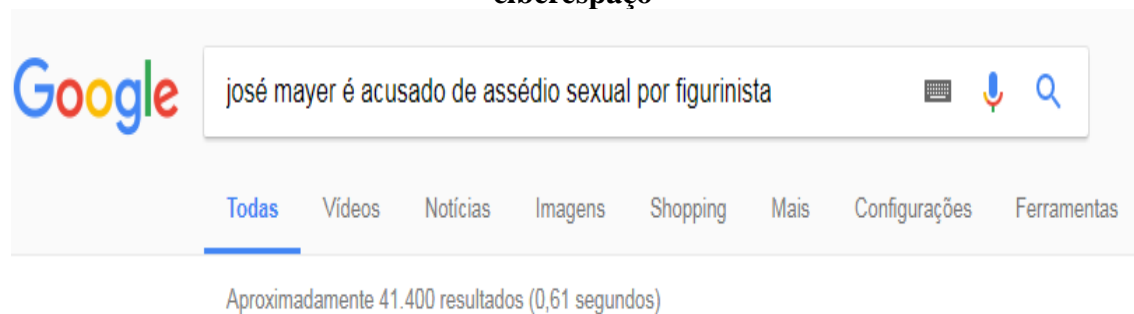
relação à matéria jornalística e aos comentários *online*, gênero emergente, para realizarmos nosso trabalho de investigação.

A amostra deste estudo consiste em duas matérias jornalísticas veiculadas nos sites de notícias *GI* e *Folha de São Paulo*, nos dias 31 de março e 04 de abril de 2017. Não é composta somente pelas matérias, mas também por comentários *online* postados nessas duas matérias. Os comentários escolhidos estavam entre aqueles postados nas matérias relacionadas ao caso da acusação do ator José Mayer Drumond, 67 anos, de assédio sexual pela figurinista Susllem Meneguzzi Tonani, 28 anos, durante as gravações da novela *A Lei do Amor* da TV Globo, no dia 31 de março de 2017.

O critério que motivou a escolha dos sites *GI* e *Folha de São Paulo* como *locus* de pesquisa foi tanto o fato de os sites citados terem coberto amplamente a polêmica quanto pela sua popularidade entre diferentes classes sociais e regiões do país. Quanto ao critério da seleção das matérias, priorizamos duas que fossem próximas ao fato, com relatos da figurinista e do ator, uma nota de esclarecimento dele e comentários *online*.

O que nos motivou a escolha de matérias relacionadas a essa situação foi a utilização de estratégias de polidez, como preservação de face, e também a repercussão que causou no meio artístico e entre leitores anônimos. Pode-se constatar que as matérias dos sites de notícia rapidamente veicularam a informação, chegando a viralizar na internet e a alcançar números expressivos nos sites de busca (41.400 resultados em 0,61 segundos de busca no *Google*), como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Repercussão do caso do ator José Mayer e da figurinista Susllem no ciberespaço¹



Para alcançarmos o objetivo esperado, seguimos com a descrição do *corpus*.

3.2.1 Descrição do *corpus*

No dia 31 de março de 2017, a figurinista Susllem Tonani, 28 anos, acusou o ator José Mayer, 67 anos, de assédio sexual durante as gravações da novela “A lei do amor”, da TV Globo. Segundo Susllem, ela recebia elogios e cantadas do ator há oito meses, como: “como você se veste bem”, “como a sua cintura é fina”, “fico olhando a sua bundinha e imaginando seu peitinho”, “você nunca vai dar pra mim?”. Até que em fevereiro de 2017, o ator colocou a mão na genitália da figurinista, no camarim da empresa e na presença de duas mulheres ².

Depois desse ato, Susllem foi ao RH da empresa e fez a denúncia contra José Mayer, então, a emissora se comprometeu em apurar o caso e tomar as devidas providências. Em um primeiro momento, o ator pede para não confundir a ficção com a realidade, pois as palavras atribuídas são próprias do personagem que ele estava fazendo. Essas informações foram retiradas da matéria jornalística publicada no site *Folha de São Paulo*, às 17 horas e 30 minutos do dia 31 de março de 2017.

Verifiquemos o depoimento de Susllem, às 00 hora e 45 minutos do dia 31 de março de 2017, retirado do blog #AgoraÉQueSãoElas³.

Depoimento 1
<p>“Eu, Susllem Meneguzzi Tonani, fui assediada por José Mayer Drumond. Tenho 28 anos, sou uma mulher branca, bonita, alta. Há cinco anos vim morar no Rio de Janeiro, em busca do meu sonho: ser figurinista.</p> <p>Qual mulher nunca levou uma cantada? Qual mulher nunca foi oprimida a rotular a violência do assédio como “brincadeira”? A primeira “brincadeira” de José Mayer Drumond comigo foi há 8 meses. Ele era protagonista da primeira novela em que eu trabalhava como figurinista assistente. E essa história de violência se iniciou com o simples: “como você é bonita”. Trabalhando de segunda a sábado, lidar com José Mayer era rotineiro. E com ele vinham seus “elogios”. Do “como você se veste bem”, logo eu estava ouvindo: “como a sua cintura é fina”, “fico olhando a sua bundinha e imaginando seu peitinho”, “você nunca vai dar para mim?”.</p> <p>Quantas vezes tivemos e teremos que nos sentir despidas pelo olhar de um homem, e ainda assim – ou por isso mesmo – sentir medo de gritar e parecer loucas? Quantas vezes teremos que ouvir, inclusive de outras mulheres: “ai que exagero! Foi só uma</p>

²Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/04/tv-globo-suspende-ator-jose-mayer-por-tempo-indeterminado.html> (Acesso em 30/07/2017 às 10 h e 22 min).

³Disponível em: <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/> (Acesso em 03/07/2017 às 10h e 45 min).

piada”. Quantas vezes vamos deixar passar, constrangidas e enojadas, essas ações machistas, elitistas, sexistas e maldosas?

Foram meses envergonhada, sem graça, de sorrisos encabulados. Disse a ele, com palavras exatas e claras, que não queria, que ele não podia me tocar, que se ele me encostasse a mão eu iria ao RH. Foram meses saindo de perto. Uma vez lhe disse: “você é mais velho que o meu pai. Você tem uma filha da minha idade. Você gostaria que alguém tratasse assim a sua filha?”

A opressão é aquela que nos engana e naturaliza o absurdo. Transforma tudo em aceitável, em tolerável, em normal. A vaidade é aquela que faz o outro crer na falta de limite, no estrelato, no poder e na impunidade. Quantas vezes teremos que pedir para não sermos sexualizadas em nosso local de trabalho? Até quando teremos que ir às ruas, ao departamento de RH ou à ouvidoria pedir respeito?

Em fevereiro de 2017, dentro do camarim da empresa, na presença de outras duas mulheres, esse ator, branco, rico, de 67 anos, que fez fama como ganhão, colocou a mão esquerda na minha genitália. Sim, ele colocou a mão na minha buceta e ainda disse que esse era seu desejo antigo. Elas? Elas, que poderiam estar no meu lugar, não ficaram constrangidas. Chegaram até a rir de sua “piada”. Eu? Eu me vi só, desprotegida, encurralada, ridicularizada, inferiorizada, invisível. Senti desespero, nojo, arrependimento de estar ali. Não havia cumplicidade, solidariedade.

Mas segui na engrenagem, no mecanismo subserviente.

Nos próximos dias, fui trabalhar rezando para não encontrá-lo. Tentando driblar sua presença para poder seguir. O trabalho dos meus sonhos tinha virado um pesadelo. E para me segurar eu imaginava que, depois da mão na buceta, nada de pior poderia acontecer. Aquilo já era de longe a coisa mais distante da sanidade que eu tinha vivido.

Até que nos vimos, ele e eu, num set de filmagem com 30 pessoas. Ele no centro, sob os refletores, no cenário, câmeras apontadas para si, prestes a dizer seu texto de protagonista. Neste momento, sem medo, ameaçou me tocar novamente se eu continuasse a não falar com ele. E eu não silencieei.

“VACA”, ele gritou. Para quem quisesse ouvir. Não teve medo. E por que teria, mesmo?

Chega. Acusei o santo, o milagre e a igreja. Procurei quem me colocou ali. Fui ao RH. Liguei para a ouvidoria. Fui ao departamento que cuida dos atores. Acessei todas as pessoas, todas as instâncias, contei sobre o assédio moral e sexual que há meses eu vinha sofrendo. Contei que tudo escalou e eu não conseguia encontrar mais motivos, forças para estar ali. A empresa reconheceu a gravidade do acontecimento e prometeu tomar as medidas necessárias. Me pergunto: quais serão as medidas? Que lei fará justiça e irá reger a punição? Quem me protegerá e como?

Sinto no peito uma culpa imensa por não ter tomado medidas sérias e árduas antes, sinto um arrependimento violento por ter me calado, me odeio por todas as vezes em que, constrangida, lidei com o assédio com um sorriso amarelo. E, principalmente, me sinto oprimida por não ter gritado só porque estava em meu local de trabalho. Dá medo, sabia? Porque a gente acha que o ator renomado, 30 e tantos papéis, ganhão da ficção com contrato assinado, vai seguir impassível, porque assim lhe permitem, produto de ouro, prata da casa. E eu, engrenagem, mulher, paga por obra, sou quem

leva a fama de oportunista. E se acharem que eu dei mole? Será que vão me contratar outra vez?

Tenho de repetir o mantra: a culpa não foi minha. A culpa nunca é da vítima. E me sentiria eternamente culpada se não falasse. Precisamos falar. Precisamos mudar a engrenagem.

Não quero mais ser encurralada, não quero mais me sentir inferior, não quero me sentir mais bicho e muito menos uma “vaca”. Não quero ser invisível se não estiver atendendo aos desejos de um homem.

Falo em meu nome e acuso o nome dele para que fique claro, que não haja dúvidas. Para que não seja mais fofoca. Que entendam que é abusivo, é antigo, não é brincadeira, é coronelismo, é machismo, é errado. É crime. Entendam que não irei me calar e me afastar por medo. Digo isso a ele e a todos e todas que, como ele, homem ou mulher, pensem diferente. Que entendam que não passarão. E o que o meu assédio não vai ser embrulho de peixe. Vai é embrulhar o estômago de todos vocês por muito, muito tempo.”

No dia 04 de Abril de 2017, um grupo de funcionários, colaboradores e executivos da TV Globo se manifestou contra o assédio sexual, usando camisetas com as inscrições *"mexeu com uma mexeu com todas"*, acompanhada da hashtag *#chegadeassédio*.

Em seguida, o ator muda de opinião com a seguinte nota de esclarecimento:

Depoimento 2

“Eu erreí. Errei no que fiz, no que falei, e no que pensava. A atitude correta é pedir desculpas. Mas isso só não basta. É preciso um reconhecimento público que faço agora. Mesmo não tendo tido a intenção de ofender, agredir ou desrespeitar, admito que minhas brincadeiras de cunho machista ultrapassaram os limites do respeito com que devo tratar minhas colegas. Sou responsável pelo que faço.

Tenho amigas, tenho mulher e filha, e asseguro que de forma alguma tenho a intenção de tratar qualquer mulher com desrespeito; não me sinto superior a ninguém, não sou. Tristemente, sou sim fruto de uma geração que aprendeu, erradamente, que atitudes machistas, invasivas e abusivas podem ser disfarçadas de brincadeiras ou piadas. Não podem. Não são.

Aprendi nos últimos dias o que levei 60 anos sem aprender. O mundo mudou. E isso é bom. Eu preciso e quero mudar junto com ele. Este é o meu exercício. Este é o meu compromisso. Isso é o que eu aprendi. A única coisa que posso pedir a Susllen, às minhas colegas e a toda a sociedade é o entendimento deste meu movimento de mudança.

Espero que este meu reconhecimento público sirva para alertar a tantas pessoas da mesma geração que eu, aos que pensavam da mesma forma que eu, aos que agiam da mesma forma

que eu, que os leve a refletir e os incentive também a mudar. Eu estou vivendo a dolorosa necessidade desta mudança. Dolorosa, mas necessária. O que posso assegurar é que o José Mayer, homem, ator, pai, filho, marido, colega que surge hoje é, sem dúvida, muito melhor."⁴

Após a apuração do caso, a TV Globo suspendeu o ator José Mayer de produções futuras nos estúdios Globo por tempo indeterminado e se solidarizou à figurinista e a todos os funcionários.

Devido à extensão do *corpus*, para que a discussão não se tornasse cansativa e de difícil compreensão pelo uso de excertos longos, selecionamos e apresentamos recortes das matérias jornalísticas e dos comentários *online* que julgamos mais relevantes para nossa discussão, pois foram feitos logo após a veiculação da notícia. A seguir, analisaremos e discutiremos recortes selecionados.

3.3 Análises do *corpus*

Conforme destacamos na seção 3.1, nossa análise se volta para recortes das notas de esclarecimentos feitas por José Mayer e por Susllem Tonani, além de alguns comentários feitos em dois sites sobre o fato que os envolveu. Nosso intento é o de observar como eles preservam suas faces e se fazem (im) polidos através das escolhas linguísticas em seus discursos. Não separamos essa análise em estratégias de polidez positiva e negativa porque, em nosso corpus, uma está tão próxima da outra que falar de uma implica falar de outra. Então nosso foco é identificar quando houve a preservação de face e quando houve a acusação de face. Passaremos para a análise dos depoimentos.

3.3.1 Depoimento de Susllem Tonani

(1)
“Eu, Susllem Meneguzzi Tonani, <u>fui assediada por José Mayer Drumond</u> . Tenho 28 anos, sou uma mulher branca, bonita, alta. Há cinco anos vim morar no Rio de Janeiro, em busca do meu sonho: ser figurinista.” (Trecho do depoimento de Susllem Tonani).

⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1872539-errei-diz-jose-mayer-sobre-denuncia-de-assedio.shtml> (Acesso em 03/07/2017 às 10h e 57 min.).

Neste primeiro parágrafo do depoimento de Susllem, há uma breve apresentação e caracterização. E ao afirmar “fui assediada por José Mayer Drumond” ocorre um ato ameaçador abertamente para José Mayer, no entanto um ato positivo para ela, segundo Brown e Levinson (1987 [1978]).

(2)

Qual mulher nunca levou uma cantada? Qual mulher nunca foi oprimida a rotular a violência do assédio como “brincadeira”? A primeira “brincadeira” de José Mayer Drumond comigo foi há 8 meses. Ele era protagonista da primeira novela em que eu trabalhava como figurinista assistente. E essa história de violência se iniciou com o simples: “como você é bonita”. Trabalhando de segunda a sábado, lidar com José Mayer era rotineiro. E com ele vinham seus “elogios”. Do “como você se veste bem”, logo eu estava ouvindo: “como a sua cintura é fina”, “fico olhando a sua bundinha e imaginando seu peitinho”, “você nunca vai dar para mim?”. (Trecho do depoimento de Susllem Tonani).

Em (2), a figurinista começa seu esclarecimento com as seguintes perguntas: “Qual mulher nunca levou uma cantada? Qual mulher nunca foi oprimida a rotular a violência do assédio como “brincadeira”?”, as quais são perguntas retóricas para que o (a) leitor (a) se coloque no lugar dela e imagine como ocorreu a situação. Em sendo a mulher quase sempre vista como a que causa e não como a vítima, então ela traz essa pergunta retórica para que os leitores pensem como ela se sentiu e tenha suas próprias linhas interpretativas. E de acordo com o tópico sobre modalização, no capítulo anterior, a fala da figurinista mostra uma modalização epistêmica e um ato de fala assertivo, pois ela considera que uma mulher levar uma cantada ou ser oprimida pela violência ocorreu ou ocorre obrigatoriamente.

Em seguida, a informante se referiu à atitude dele como “a primeira brincadeira” com ironia. E explica que “ele era protagonista da primeira novela em que eu trabalhava como figurinista assistente”, utilizando modalizadores avaliativos para defender sua face e acusar a dele, mostrando a assimetria existente entre os cargos ocupados por ambos. A frase do ator “como você é bonita” poderia ser um simples elogio, mas, no contexto pragmático, percebe-se uma carga de assédio até chegar ao ápice do assédio, que foi a questão física. Ele, como locutor, queria que ela entendesse o objetivo dele, a partir dessa fala. Sendo assim, usou uma modalização feita por meio de adjetivos.

A figurinista poderia avaliar como uma provocação as atitudes do ator (ameaça à face negativa), mas ela minimiza essa provável provocação, dando explicações, tentando não criar uma situação constrangedora e optou por fazer perguntas ao leitor, de modo que o próprio leitor pudesse fornecer suas justificativas. Ela elencou/relatou diversos fatos ocorridos, demonstrando com falas dele o assédio sofrido.

Os seguintes elogios “como você se veste bem”, logo eu estava ouvindo: “como a sua cintura é fina”, “fico olhando a sua bundinha e imaginando seu peitinho”, “você nunca vai dar para mim?” são ameaçadores tanto à imagem da figurinista quanto a do ator. Uma vez que, com tais elogios, ele deixa “aberta” sua face por causa do caminho ofensivo que os elogios tomaram, assim, caracterizam-se como atos de fala referentes ao assédio sexual.

A partir desses elogios, ela exhibe a gradação da violência, que parte de elogios que qualquer pessoa pode fazer para aqueles atos com foco na violência, citando partes do corpo e passando a ideia de “mulher fruto”⁵. Passemos para uma parte da fala, cujo destaque é dado para o receio que as mulheres sentem antes de denunciar.

(3)
<u>Quantas vezes tivemos e teremos que nos sentir despidas pelo olhar de um homem, e ainda assim – ou por isso mesmo – sentir medo de gritar e parecer loucas? Quantas vezes teremos que ouvir, inclusive de outras mulheres: “ai que exagero! Foi só uma piada”. Quantas vezes vamos deixar passar, constrangidas e enojadas, essas ações machistas, elitistas, sexistas e maldosas?</u> (Trecho do depoimento de Susllem Tonani).

Em (3), ela começa com uma pergunta retórica, com o objetivo de chamar a atenção do público em relação ao comportamento receoso que ela teve, assim como outras mulheres já tiveram ou poderão ter. Em seguida, usa o termo pejorativo, “loucas”, fazendo referência ao modo que alguns veem as mulheres que denunciam o assédio sexual. Logo depois, relata que esse modo de ver as mulheres que denunciam está presente no grupo feminino e para mostrar isso usa o modalizador “inclusive”. Tal afirmação é respaldada pelo seguinte comentário feito por uma mulher no site *GI*:

⁵ Esse termo foi usado por Antônio Cândido para referir-se à mulher como comida. Para uma maior apreciação, vale a pena consultar: CANDIDO, Antônio et al. A personagem de ficção. São Paulo, Perspectiva, 1987.



HÁ 12 MESES

meu nome e luciana acho um absurdo qualquer tipo de assedio ou preconceito mais aturar isso durante 8 meses me parece que a reclamante estava gostando ou esperando um lindo casamento com flor de larafeiras

11

Notamos que toda essa seleção linguística é tomada de FFA's (atos que valorizam a imagem) e de FTA's (atos que afetam a imagem), por isso que a figurinista usa adjetivos para descrever como ela e outras mulheres se sentem em situações de assédio sexual. Além de definir essas ações como “machistas, elitistas, sexistas e maldosas”, quando a denunciante acusa o outro é, de certa forma, um modo que ela tem de afetar a imagem pública negociada, assim definida por Goffman (1967, p.14), a qual é passada aos fãs do ator, pois quer que a sua imagem prevaleça sobre a do outro. Ela pretende persuadi-los e conquistá-los veementemente, com o intuito de uma maior adesão a seus discursos.

(4)

Em fevereiro de 2017, dentro do camarim da empresa, na presença de outras duas mulheres, esse ator, branco, rico, de 67 anos, que fez fama como garanhão, colocou a mão esquerda na minha genitália. Sim, ele colocou a mão na minha buceta e ainda disse que esse era seu desejo antigo. Elas? Elas, que poderiam estar no meu lugar, não ficaram constrangidas. Chegaram até a rir de sua “piada”. Eu? Eu me vi só, desprotegida, encurralada, ridicularizada, inferiorizada, invisível. Senti desespero, nojo, arrependimento de estar ali. Não havia cumplicidade, solidariedade. (Trecho do depoimento de Susllem Tonani).

No trecho (4), ela usou adjetivos modalizadores para caracterizar o ator e expor que pertence a uma classe hierárquica acima da classe dela e fica subentendido que ele como “garanhão” não pode fazer tudo o que quer. Em seguida, formam-se campos semânticos associativos ao denominar “genitália” e “buceta”; o primeiro termo é técnico e preserva a imagem do público, enquanto o segundo é um termo popular e pode afetar a face do público, mas também foi usado para mostrar a revolta e a gravidade do caso. Por certo, ela valida esse termo popular e chulo com mais um propósito: alargar o campo de percepção do leitor de modo a fazer com que todos os públicos entendam. Assim, nota-se que Susllem ameaça a face negativa do público, pois seu objetivo é desconstruir a face dele e não, necessariamente, preservar a dela.

Ainda nesse trecho, temos a afirmação “Elas? Elas, que poderiam estar no meu lugar, não ficaram constrangidas. Chegaram até a rir de sua “piada”. Eu? Eu me vi só, desprotegida, encurralada, ridicularizada, inferiorizada, invisível”, a qual comprova a fala dela anteriormente de que as mulheres não são apoiadoras da classe, a começar pelas mulheres que presenciaram quando o ator pegou no órgão sexual da figurinista. Ou seja, ali era permitido fazer isso. Ainda assim, foi percebida a campanha *Mexeu Com Uma Mexeu Com Todas*, como se a fala dela surtisse efeito e as mulheres não tomaram esse problema como algo simples e corriqueiro. Esse movimento das mulheres contra o caso do assédio pelo ator José Mayer pode marcar uma virada na forma como a sociedade lida com esse tipo de agressão, pois intimida os homens e alerta as mulheres de que devem denunciar casos de assédio sexual.

O ator utilizou as palavras “buceta” e “vaca” para se referir à figurinista. Além disso, ela declara que não quer mais se sentir “bicho”. Estas palavras podem afetar a face do público e nos revelam como os campos semânticos se constituem, visto que a maioria dos nomes de animais tem sentido negativo na cultura do Brasil⁶. Verifica-se a necessidade de levar em consideração o fator cultural, pois o que se pode ser considerado em determinada cultura nem sempre é correspondente em outra. Kerbrat-Orecchioni em seu livro “*Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*” (2004) e em seu texto “*Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudo de caso*” (2017) compreende a *polidez* como um fenômeno universal, na medida em que toda a sociedade dispõe de comportamentos que possibilitam a harmonia entre os interlocutores, mesmo com os riscos inerentes a interações, isto é, os princípios da teoria da polidez é que são universais, assim, segundo a autora, o que varia de uma sociedade para a outra são as formas de expressar a *polidez*.

(5)

⁶ O nome “vaca”, no contexto indicado, denota uma carga semântica negativa no Brasil, mas, em outros países, como na Índia, “vaca” é um animal considerado puro, logo, traduz um valor positivo. A cultura brasileira agrega sentido pejorativo a muitos nomes de animais femininos, a exemplo de “cadela”, “galinha” e outros, em contrapartida, chamar um homem de “cão” ou “galinha” denota um sentido positivo.

Sinto no peito uma culpa imensa por não ter tomado medidas sérias e árduas antes, sinto um arrependimento violento por ter me calado, me odeio por todas as vezes em que, constrangida, lidei com o assédio com um sorriso amarelo. E, principalmente, me sinto oprimida por não ter gritado só porque estava em meu local de trabalho. Dá medo, sabia? Porque a gente acha que o ator renomado, 30 e tantos papéis, ganham da ficção com contrato assinado, vai seguir impassível, porque assim lhe permitem, produto de ouro, prata da casa. E eu, engrenagem, mulher, paga por obra, sou quem leva a fama de oportunista. E se acharem que eu dei mole? Será que vão me contratar outra vez? (Trecho do depoimento de Susllem Tonani).

Nesta fala, a assediada manifesta seu medo, durante os momentos que sofreu assédio, principalmente por causa das prováveis consequências que a denúncia acarreta. Esse medo aproxima os leitores que já sentiram ou que sabem que poderiam sentir em tal situação, que pode ser entendido como um procedimento de aproximação. Ao generalizar essa condição de limitação e medo, ela reivindica a atenção do público e ressalta uma das estratégias de polidez elencadas por Brown e Levinson (1987 [1978]).

Vejamos que a fala da assediada retrata o modo como ela recebeu as mensagens, pois naquela interação havia tanto uma relação de assimetria de gênero como também de papéis sociais marcados pelos cargos assumidos na Rede Globo de Televisão.

(6)

Falo em meu nome e acuso o nome dele para que fique claro que não haja dúvidas. Para que não seja mais fofoca. Que entendam que é abusivo, é antigo, não é brincadeira, é coronelismo, é machismo, é errado. É crime. Entendam que não irei me calar e me afastar por medo. Digo isso a ele e a todos e todas que, como ele, homem ou mulher, pensem diferente. Que entendam que não passarão. E o que o meu assédio não vai ser embrulho de peixe. Vai é embrulhar o estômago de todos vocês por muito, muito tempo. (Trecho do depoimento de Susllem Tonani).

Nesse fragmento (6), observamos que a figurinista, ao construir seu discurso argumentativo-persuasivo com o propósito de convencer os leitores, utiliza-se de uma gama de elementos linguísticos concernente à construção linguística que revela ao auditório o processo de persuasão. Além disso, Susllem afetou a imagem positiva do ator.

Nesse fragmento “que entendam que é abusivo, é antigo, não é brincadeira, é coronelismo, é machismo, é errado”, Susllem acusa como forma de preservar sua própria imagem e de esclarecer como os fatos aconteceram. Um ato ameaçador em relação ao acusado, mas que preserva a sua imagem diante de toda equipe de trabalho e da população como um todo, já que se tornou um assunto global. Ela fez uso de

modalizadores que afetam a imagem por ter carga semântica que inferioriza a mulher em “entendam que não irei me calar e me afastar por medo”. Podemos verificar que ela também tem o objetivo de fazer uma carta para alertar as mulheres.

(7)

Eu errei. Errei no que fiz, no que falei, e no que pensava. A atitude correta é pedir desculpas. Mas isso só não basta. É preciso um reconhecimento público que faço agora. Mesmo não tendo tido a intenção de ofender, agredir ou desrespeitar, admito que minhas brincadeiras de cunho machista ultrapassaram os limites do respeito com que devo tratar minhas colegas. Sou responsável pelo que faço. (Trecho do depoimento de José Mayer).

No caso de (7), percebe-se que o denunciado reconhece seus erros, como uma resposta ao relato da figurinista, e se utiliza de algumas estratégias de polidez positiva traçadas por Brown e Levinson (1987), ou seja, lança mão de atos ameaçadores da face, de forma aberta e com ações reparadoras. Ele mostra-se disposto em reparar seus erros, já que é um fato que afeta sua face positiva diante do público, inclusive de seus fãs.

Com o uso do termo “admito”, reconhecemos um ato ameaçador para sua face, mas ao mesmo tempo o modo como o ator quer que o público o reconheça: como um ser humano que pode errar. Esse ato é um FTA de reparação, que faz parte dos procedimentos suavizadores *acompanhantes* ou *subsidiários*, os quais têm o propósito de suavizá-lo. Nessa situação, foi um pedido implícito de desculpas.

Na fala do ator, há ainda marcas de identidade de grupo (reconhecimento público), com vistas a aproximar seu interlocutor, colocando-o num nível simétrico de posições sociais em que se encontram naquele momento. Então é evidenciado, que nesse trecho, o ator procura acordo com seu interlocutor, declarando que seu pedido de desculpas não é o suficiente. Ele procura alertar os homens, mas principalmente se retratar com as mulheres que sofrem e já sofreram assédio, como também as colegas de trabalho que se manifestaram, pois causa constrangimento para contracenar.

As estratégias de atenuação dos atos ameaçadores fazem com que o ator mantenha um equilíbrio nas relações pessoais ali estabelecidas, preserve sua própria face no momento em que não procura ferir os direitos do outro (admito que minhas brincadeiras de cunho machista ultrapassaram os limites), faz de forma que “evite ou

reduza o conflito com o interlocutor” (ESCANDELL-VIDAL, 1995, p.33 apud DIAS, 2010, p.39).

(8)

Aprendi nos últimos dias o que levei 60 anos sem aprender. O mundo mudou. E isso é bom. Eu preciso e quero mudar junto com ele. Este é o meu exercício. Este é o meu compromisso. Isso é o que eu aprendi. A única coisa que posso pedir a Susllen, às minhas colegas e a toda a sociedade é o entendimento deste meu movimento de mudança. (Trecho do depoimento de José Mayer).

Em (8), o ator reconhece que errou, mas não reconhece como assédio e sim sendo machista. “Quero” é um modalizador no eixo do dever, um modalizador deôntico, para perceberem que ele errou e que os outros também analisassem suas atitudes. Assim, a modalização deôntica se sobressai, mas também há atos assertivos com a opinião dele. E, por fim, ele lança um movimento para que a fala dele sirva para atingir outros homens do mesmo contexto histórico-social dele.

Os aspectos enunciativos, no entanto, dificultam essa tentativa do ator, já que entre o assédio denunciado pela vítima e a retratação temos a mesma pessoa, o mesmo espaço (internet, Globo) e tempos muito próximos. Impossível ele ter mudado a personalidade em tão pouco tempo. Visto as consequências da denúncia, ele procura se defender pedindo desculpas. Consequentemente, tende a ameaçar a imagem dela, mas seu principal objetivo é resgatar sua própria imagem junto com a preservação. Comprova-se que a imagem dele foi afetada diante de seus fãs a partir desses dois comentários feitos no site *GI*:



HÁ 12 MESES

Fiquei decepcionada com o José Mayer, sempre fui muito fã, que pena!!!
Lamentável,!!!!!!

👍 2 💬 2





HÁ 12 MESES

Se ele tem uma esposa ja começou errado dando em cima de mulher sendo comprometido

14 4

(9)

Espero que este meu reconhecimento público sirva para alertar a tantas pessoas da mesma geração que eu, aos que pensavam da mesma forma que eu, aos que agiam da mesma forma que eu, que os leve a refletir e os incentive também a mudar. Eu estou vivendo a dolorosa necessidade desta mudança. Dolorosa, mas necessária. O que posso assegurar é que o José Mayer, homem, ator, pai, filho, marido, colega que surge hoje é, sem dúvida, muito melhor. (Trecho do depoimento de José Mayer).

Neste trecho (9), o ator faz um reconhecimento por ser um homem público que precisa minimizar o estrago feito em torno de sua imagem de “homem do bem”. Qual a razão de apelar por valores constituídos da família tradicional, já que, em escala de prioridades, a relação profissional era a única que necessitava ser citada? Curiosamente, apareceu como a última na caracterização que ele fez de si mesmo: “homem, ator, pai, filho, marido, colega”.

Mesmo diante dessa situação, ele se caracteriza como muito melhor com o objetivo de preservar sua face *positiva*. Segundo a Teoria de Brown e Levinson (1987 [1978]), a face *positiva* está relacionada à autoimagem do indivíduo, representa o desejo do ser humano de ser estimado, aprovado, admirado e aceito.

3.3.3 Comentários online

Apesar do grande número de comentários nas duas matérias, vale ressaltar que nem todos eles se configuravam como objetos da nossa pesquisa, uma vez que nosso foco de investigação recai sobre aqueles que eram, marcadamente, compostos de atos de fala sobre o assédio sexual. Ou seja, nosso interesse analítico está voltado para comentários nos quais seu teor violento se manifestasse tomando como alvo a denúncia da figurinista Susllem contra o ator José Mayer. Outro critério que norteou a escolha dos comentários foi o cuidado de não analisar comentários repetidos.

Assim, neste segundo momento da constituição da amostra das matérias jornalísticas selecionadas nos sites de notícias G1 e Folha de São Paulo, em conformidade com o critério já explicitado, passamos à seleção de quais comentários, de fato, eram compostos por atos de fala machistas ou não. Desse modo, os comentários foram analisados e identificados à medida que apareciam, em ordem cronológica de postagem, mediante a movimentação da barra de rolagem. Tal procedimento foi realizado até chegarmos aos comentários escolhidos.

No quadro abaixo, sistematizamos as informações relevantes sobre as matérias selecionadas, salientando a data da publicação, o título, o site de notícias e o número de comentários postados pelos leitores em relação a cada matéria.

Quadro 6 – Informações sobre matérias do “G1” e da “Folha de São Paulo”

Número	Publicação	Matéria	Site de Notícias	Comentários
01	31/03/2017	Figurista acusa José Mayer de assédio sexual; ator nega.	<i>Folha de São Paulo</i>	21
01	04/04/2017	Figurista diz à polícia que não vai processar José Mayer.	<i>G1</i>	381

Fonte: Produção da autora.

Nessas duas matérias, temos o total de 402 comentários e, de acordo com os critérios anteriormente explícitos, vamos analisar 10% desse total de comentários, ou seja, analisaremos a seguir 42 comentários.

Os comentários aqui expostos conservam sua escrita original. Adotamos essa opção por considerarmos importante preservar as marcas estilísticas desse gênero nos dados aqui analisados, haja vista que essas marcas mantêm uma estreita relação de sentido com o conteúdo e forma composicional do gênero em análise. A fim de

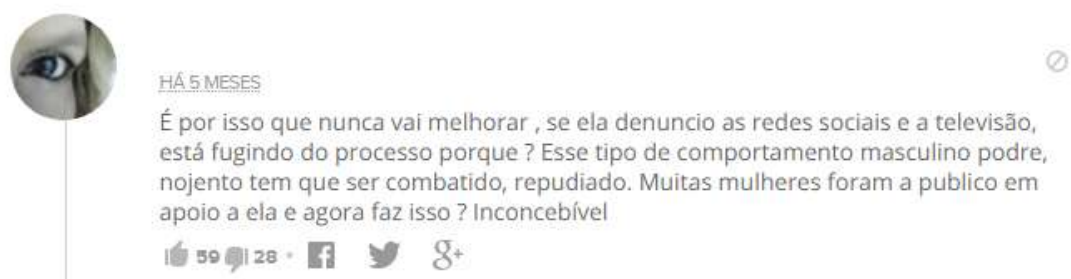
atendermos a critérios éticos da pesquisa, em cima de cada comentário, há uma letra entre parênteses que se refere ao sexo/gênero do entrevistado (F: feminino – mulher; M: masculino – homem); por fim, substituímos o nome dos sujeitos que fizeram os comentários analisados por números, objetivando preservar o seu anonimato.

Devido à extensão do *corpus*, para que a discussão não se tornasse cansativa e de difícil compreensão pelo uso de excertos longos, selecionamos e apresentamos recortes que julgamos mais relevantes para nossa discussão. Nos anexos A e B, encontram-se todos os comentários encontrados nas duas matérias jornalísticas.

Separamos essa análise em seis seções para verificar o foco dos comentários, por conseguinte, separamos entre os comentários feitos no site de notícias G1 e no site Folha de São Paulo. E considerando que nem sempre há separação entre estratégias de polidez positiva e negativa, nosso foco é identificar quando houve a preservação de face e quando houve a acusação de face, conforme já anunciado na seção 3.3. Dessa maneira, passaremos à análise dos julgamentos das imagens passadas pelos locutores ao público, ou seja, de como cada leitor vê a imagem da figurinista (mulher) e do ator (homem, famoso). Para efeito didático, apresentaremos a distribuição a partir de algumas características de agrupamento dos casos estudados:

A) Quando o foco recai na ideia de que a figurinista representa uma aproveitadora.

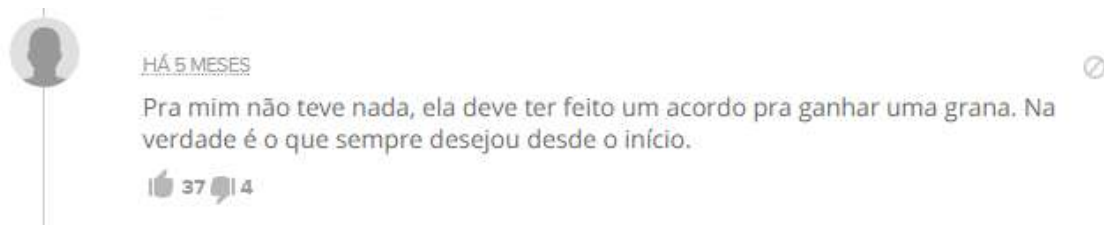
(F 1)



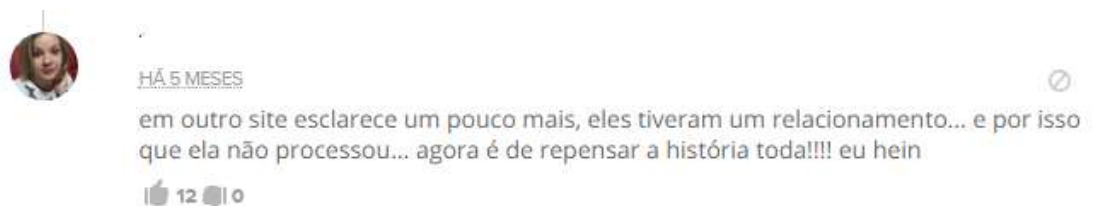
Em (F 1), o comentário mostra a proporção que o discurso atingiu e o movimento que as mulheres fizeram contra o machismo, em contrapartida, este comentário tem uma pergunta retórica que afeta a figurinista por ter retirado a denúncia

contra o ator que foi machista e praticou assédio sexual e, também, afeta uma face social, as mulheres.

(M 2)



(F 3)



Já em (M 2) inicialmente, há o emprego de “para mim”, que funciona como modalizador, caracterizando uma estratégia de polidez mitigadora, ao tempo em que indica um distanciamento psicológico em relação ao tema tratado. Em seguida, comenta que, em sua opinião, não aconteceu nada, ou seja, a denunciante ficou desacreditada por ter voltado atrás e não permanecer com a mesma decisão. Além de afirmar que o que ela sempre desejou ganhar dinheiro com essa denúncia, com outras palavras quis mostrar que ela se aproveitou da situação.

O comentário (F 3) julga o caso como um relacionamento que eles tiveram, sem atingir a face de ambos. Ao afirmar que eles tiveram um relacionamento, esse comentário busca justificativas para livrar o “homem branco, rico e famoso” da culpa do assédio, voltando a afetar a imagem da figurinista. Estas posições são machistas e mostram que a mulher pode criar histórias e acusações, mas o homem parece que não pode.

(M 4)



HÁ 6 MESES

Resumindo: Ela nem se incomodou tanto assim com o tal assédio querendo na verdade é tirar proveito da situação. O que provavelmente acabou conseguindo, pois, alguém tem dúvida de que ela levou algum por fora?

👍 20 💬 3 •

Em (M 4), o comentador se apoia no argumento de que ela é aproveitadora e quer fama. Ademais, sugere levar o público a pensar que ela ganhou dinheiro para não levar a denúncia adiante. Também utiliza como estratégia de polidez o procedimento retórico: *lítótes*. Este procedimento consiste em afirmar o positivo pelo negativo, ou seja, nega-se o contrário do que se deseja afirmar. Quando ele diz, por exemplo, que “Ela nem se incomodou tanto assim com o tal assédio”, a intenção é, na verdade, assegurar que ela não se incomodou com o assédio. Neste caso, afirma que o objetivo dela era se aproveitar da situação.

A) *Quando o foco é preservar a imagem da figurinista*

(M 5)



HÁ 6 MESES

acho plausível a decisão dela de não levar o processo adiante, afinal a repercussão que o caso deu já é suficiente. Além do mais, um processo só ia desgasta-la ainda mais.

👍 6 💬 17 •

Em (M 5), inicialmente, com o emprego da modalização epistêmica quase-asseverativa “acho”, nota-se uma pseudossuavização no conteúdo proposicional, uma vez que tal modalização caracterizaria o distanciamento do locutor quanto à proposição, o que Kerbrat-Orecchionni (2006) nomeia como procedimento acompanhante, um FFA (um ato valorizador da imagem). Também apoia, claramente, a atitude dela “de não levar o processo adiante” e mostra que a repercussão foi positiva, uma vez que muitas mulheres se sentem encorajadas a dar um basta em situações parecidas com essas.

(M 12)



HÁ 11 MESES

O QUE DEVE ACONTECER NA GLOBO ATRAS DAS CAMARAS, OS MAIS PODEROSOS TEM FAZEM O QUE QUEREM, PORQUE OS MENOS TEM MEDO DE PERDER O EMPREGO, ESTA MOÇA DEVE SER UMA EM 1 MILHAO QUE TEVE CORAGEM. O PODER PARALELO DA GLOBO NA POLITICA, NO ESPORTE, NAS ENTREVISTAS, ETC ETC UM DIA VAI ACABAR.

👍 40 💬 6

Em (M 12), percebe-se que ele mostra sua opinião quanto ao que ocorre entre os mais poderosos diante da sociedade e os menos favorecidos. Em seguida, valoriza a atitude dela, ressaltando que deve ser uma ação rara entre tantas pessoas que sofrem assédio sexual, o que evidencia preservação da imagem da figurinista. Por fim, fala do poder da emissora sobre a política, esporte, jornalismo e outros, fazendo, assim, uma acusação à emissora.

B) Quando o objetivo é preservar a imagem do ator

(M 7)



HÁ 11 MESES

Única coisa errada que ele fez foi pegar nas partes íntimas sem consentimento da mesma resto ,nada de mais !

👍 12 💬 33

(M 30)



HÁ 12 MESES

Estão querendo torrar o José Mayer parece que estamos na época da inquisição.Ora até que se prove o contrário ele ainda é considerado inocente

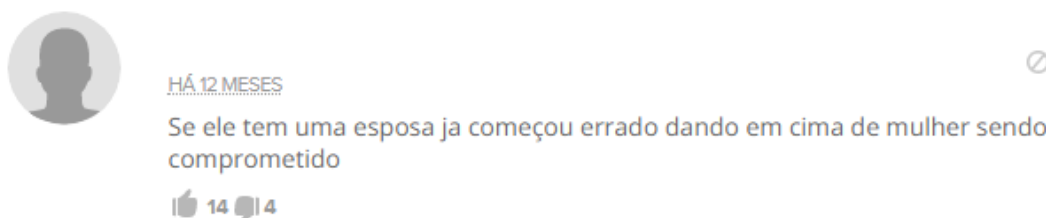
👍 1 💬 11

Em (M 7), não há reconhecimento de que houve assédio sexual e fica subentendido que as agressões verbais não têm valor ofensivo, sendo errado apenas pegar nas partes íntimas da figurinista. Verifica-se, assim, uma tentativa de preservar a

imagem do ator. E em (M 30), usa-se um argumento religioso para comprovar a inocência do ator. Desse modo, o comentador lança mão de processos de contextualização que, por meio das *escolhas textuais-discursivas* efetuadas em *procedimentos de intertextualidade*, produzem, no discurso, a denúncia contra o assédio sexual como realidade ligada à transgressão da moral hegemônica, à maldição e à condenação divina.

C) Quando o foco recai na acusação do ator

(F 32)



(F 41)



(F 32) acusa o ator por meio de argumentos que se referem ao respeito à família dele, levando em conta os valores de família tradicional que o ator passa em seu depoimento. Já em (F 41), verifica-se um modalizador assertivo quando afirma que “a atitude do ator é própria de um machismo desmesurado” para estabelecer um diálogo direto com os leitores. Uma vez que, apesar de Kerbrat-Orecchioni (2006, p.85) apontar os modalizadores como instauradores de distância entre o locutor e o conteúdo proposicional, nota-se que esse vai em direção contrária a tal fato, pois assume uma certeza em relação a outros comentadores, os quais não acreditam na denúncia da figurinista ou julgam-na como aproveitadora.

D) Quando os comentadores apoiam a postura da emissora

(M 17)



HÁ 11 MESES

A rede globo agiu muito bem, com este comportamento desta pessoa empobrece e suja a imagem dos homens. Aproveitando a oportunidade, passo pelo amor de Deus, acaba com este programa BBB17 que é passada o mesmo sentido de pejoração.

👍 8 💬 4

(M 37)

01/04/2017 00h22



A emissora já disse. Você leu a notícia, Nestor? Pela Constituição Federal, queiramos ou não, todos são inocentes até que se prove o contrário. Então está certa a emissora. Disse que o assunto é sério e já está apurando.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

Em (M 17) e (M 37), podemos observar que o locutor, ao se referir à emissora, concorda e aprova a decisão dela diante dessa situação. O que fica mais evidente a partir das asserções “A rede Globo agiu muito bem” e “Então está certa a emissora”. Vale destacar que, embora as asserções apresentem uma aprovação de forma aberta, temos a presença de críticas quanto aos programas desta emissora e uma tentativa de confirmar a inocência do ator, usando argumentos jurídicos.

E) Quando o objetivo é acusar a emissora como culpada

(M 12)



HÁ 11 MESES

O QUE DEVE ACONTECER NA GLOBO ATRAS DAS CAMARAS, OS MAIS PODEROSOS TEM FAZEM O QUE QUEREM, PORQUE OS MENOS TEM MEDO DE PERDER O EMPREGO, ESTA MOÇA DEVE SER UMA EM 1 MILHAO QUE TEVE CORAGEM. O PODER PARALELO DA GLOBO NA POLITICA, NO ESPORTE, NAS ENTREVISTAS, ETC ETC UM DIA VAI ACABAR.

👍 40 💬 6

(M 33)



(M 12) e (M 13) destacam a questão da diferença social entre os que ocupam cargos elevados, chamados de poderosos, e os que ocupam cargos menos privilegiados e correm o risco de perder o emprego. Por esse receio de perder o emprego, o locutor afirma que a denúncia feita por esta moça é um ato corajoso e raro. E julga a emissora pela omissão em fazer uma investigação.

Em seguida, passaremos a dois quadros sobre os comentários feitos nas duas matérias jornalísticas selecionadas, de acordo com seis categorias: *preservação da imagem da mulher*, *acusação da imagem da mulher*, *preservação da imagem do homem*, *acusação da imagem do homem*, *concordância com a emissora* e *acusação da emissora*.

Quadro 7 – Comentários feitos no site de notícias G1

Comen- tário	Preservação da imagem da mulher	Acusação da imagem da mulher	Preserva- ção da imagem do homem	Acusa- ção da imagem do homem	Concordân- cia com a emissora	Acusa- ção da emissora
1		X				
2		X				
3		X				
4		X				
5	X					
6		X				
7			X			
8			X			
9			X			
10		X				
11	X					
12	X					X
13		X				
14	X			X		

15						X
16				X		
17					X	
18		X				
19		X				
20		X				
21		X				
22		X				
23						X
24		X				
25	X					
26		X				
27	X					
28	X			X		
29				X		
30			X			
31	X		X			
32			X			
Total	8	14	6	4	1	3

Fonte: Produção da autora.

Quadro 8 – Comentários feitos no site de notícias *Folha de São Paulo*

Comen- tário	Preservação da imagem da mulher	Acusação da imagem da mulher	Preserva- ção da imagem do homem	Acusa- ção da imagem do homem	Concordân- cia com a emissora	Acusa- ção da emissora
33						X
34				X		
35	X					
36				X		
37					X	
38	X					
39				X		
40				X		
41				X		
42	X					
Toal	3	0	0	5	1	1

Fonte: Produção da autora.

Neste capítulo, analisamos e discutimos os dados, à luz do referencial teórico apresentado nos capítulos 1 e 2. Tomamos como base para realizar essa análise as respostas dadas para as seguintes questões: “i) As matérias jornalísticas sobre o referido fato veiculam efeitos polidos? ii) Os discursos de José Mayer, de Susllem Tonani e das pessoas que comentaram veiculam também efeitos polidos? iii) Como são estruturados

esses efeitos? iv) Como o ator José Mayer utilizou as estratégias de polidez para efetivar sua nota de esclarecimento e manter a imagem de si diante de uma polêmica? v) Até que ponto os leitores das matérias que fizeram comentários online conseguem conciliar harmonicamente a preservação de si e o respeito ao outro?”, com o objetivo de verificar as estratégias de preservação e acusação de faces utilizadas pelo ator, pela figurinista e pelos comentadores.

Ao longo das discussões e análises, constatamos que diante de uma denúncia contra assédio sexual houve o uso de estratégias de Polidez, estratégias linguísticas com o objetivo de preservar e acusar às imagens dos envolvidos na situação, uma vez que as interações verbais entre eles giravam em torno da exposição da imagem do outro e da preservação de sua própria imagem. E, conseqüentemente, levavam os interlocutores a uma projeção de imagens que os próprios envolvidos fizeram a partir de seus depoimentos, pois suas imagens precisavam ser mantidas e ao mesmo tempo controladas e preservadas, a fim de persuadir o público. No entanto, constatamos que como as interações verbais estão propensas a conflitos, as imagens podem ser atacadas a qualquer momento pelos leitores e necessitam de uma autopreservação ou uma reparação por meio de estratégias linguísticas como, por exemplo, o fenômeno da polidez, a fim de não as afetar gravemente.

Ainda frisamos, no decorrer das análises, as diversas instâncias das quais os modalizadores se mostraram fazer parte no corpus analisado, ora como produtores de FFA, ora como produtores de FTA. Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta a modalização como um dos tipos de estratégia linguística de polidez, um procedimento acompanhante que visa atenuar a carga de impolidez de um ato ameaçador e instaurar uma distância entre o locutor e a proposição. Porém, como cada cultura tem suas especificidades e como o contexto é determinante para demarcar o sentido das escolhas linguísticas e suas respectivas intenções comunicativas, os modalizadores foram postos também como ato ameaçadores, principalmente para a imagem do outro, uma vez que foram empregados juízos de valor pelo locutor a fim de avaliar negativamente a imagem social do outro e com o intuito de persuadir os leitores de que a denúncia propagada é incoerente com a imagem passada.

Entre os 42 comentários selecionados dentro do total de 402, temos a seguinte categorização: 10 comentários preservaram a mulher, 14 comentários acusaram a mulher, 5 comentários preservam o homem, 7 comentários acusaram o homem, 2

comentários concordaram com a emissora e 4 comentários acusaram a emissora. De acordo com esse resumo numérico, observamos também que houve mais acusação da imagem da figurinista que preservação, assim como houve mais acusação que preservação em relação à imagem do ator. Já entre as acusações feitas aos dois, prevaleceram as acusações feitas à figurinista como aproveitadora da situação. E em relação à emissora, poucos comentadores se manifestaram, dentro deste pequeno grupo a maior parte acusou a atitude ou a possível omissão da emissora. Ao analisar os comentários das duas matérias jornalísticas, é notório que os perfis de comentadores no site *GI* fazem mais julgamentos e buscam justificativas para defender o ator e acusar a figurinista, pois há mais acusações que preservação de face. Enquanto os perfis dos comentários feitos no site *Folha de São Paulo* mostram interesse em averiguar o caso como realmente aconteceu, visto que nenhum comentário acusou a imagem da mulher e apenas um acusou a emissora.

Tendo em vista a trajetória teórica, metodológica e analítica empreendida neste capítulo, na seção seguinte, realizaremos as Considerações Finais deste trabalho, a fim de revisitar a trajetória teórico-analítica empreendida, buscando evidenciar possíveis conclusões às quais chegamos com relação ao fenômeno social analisado, bem como possíveis contribuições e desdobramentos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, comprometemo-nos a investigar o fenômeno da polidez linguística nos depoimentos da figurinista Susllem Tonani e do ator José Mayer sobre a denúncia que ela fez contra ele de assédio sexual e nos comentários online feitos nas duas matérias jornalísticas selecionadas nos sites *GI* e *Folha de São Paulo*. Para tanto, amparamos nossas análises e discussões nos conceitos fornecidos pelas teorias pragmáticas, a partir do modelo de polidez proposto por Brown e Levinson (1987 [1978]) e nas reformulações feitas por Kerbrat-Orecchioni (2006), associando-o aos trabalhos realizados por Castilho e Castilho (1993), Castilho e Elias (2012), Santos (2012), Marcuschi (2008), Meurer, J. L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. (2005), entre outros.

Conforme destacamos na introdução, nessa investigação, colocamo-nos diante das seguintes questões:

- i) As matérias jornalísticas sobre o referido fato veiculam efeitos polidos?
- ii) Os discursos dos jornalistas, de José Mayer, de Susllem Tonani e das pessoas que comentaram veiculam também efeitos polidos?
- iii) Como são estruturados esses efeitos?
- iv) Como o ator José Mayer utilizou as estratégias de polidez para efetivar sua nota de esclarecimento e manter a imagem de si diante de uma polêmica?
- v) Até que ponto os leitores das matérias que fizeram comentários online conseguem conciliar harmonicamente a preservação de si e o respeito ao outro?

Desse modo, no percurso de nossa pesquisa, buscando construir uma base que nos permitisse responder a tais questionamentos, apresentamos, no capítulo 1, informações acerca dos estudos relacionados a gênero digital, comentário *online*, machismo e assédio sexual, a fim de levantarmos considerações a respeito da relação Argumentação e Linguagem com o foco numa abordagem pragmático-argumentativa e voltada para um contexto de denúncia e de matérias jornalísticas. Vimos, nesse capítulo, considerações sobre o gênero ao qual pertencem as materialidades analisadas, enquanto gênero digital emergente, e apresentamos o contexto da pesquisa, com a caracterização do machismo e do assédio sexual. Para tanto, tomamos os estudos de Marcuschi (2008), Crystal (2001) e Diniz (1998), os quais abordam os gêneros textuais, entre eles, o comentário *online*, e questões de assédio sexual com sua caracterização, de acordo com

a legislação brasileira. Por fim, justificamos o uso do *corpus*, por meio de aspectos que o tornaram mais interessante para a discussão da preservação da face.

A fim de apresentar as investigações sobre a polidez linguística por um viés pragmático, buscamos, no capítulo 2, situar as pesquisas em Pragmática, questões intrínsecas a ela, como seus domínios e fundamentos, focalizando as investigações sobre a polidez linguística. Vimos nesse capítulo que a Pragmática, surgida na segunda metade do século XX, se ocupa do uso concreto da linguagem atrelado ao locutor e ao contexto linguístico e que, segundo Armengaud (2006, p.9), surgiu do cruzamento da linguística com a Filosofia. Dentre as diversas discussões realizadas a fim de defini-la, segundo Dascal (2006), qualquer tentativa de definir a pragmática parte da tricotomia: *sintaxe* (estudo das relações dos signos entre si), *semântica* (estudo da relação entre os signos e seus referentes) e *pragmática* (estudo da relação entre os signos e seus usuários) proposta por Charles Morris (1938) e elaborada por Rudolf Carnap (1942). Da mesma forma, reportamos à ideia de que Semântica e Pragmática mantêm uma relação complementar, pois enquanto a tarefa da Semântica consiste em determinar o significado da sentença independentemente do seu uso e/ou em determinar o significado da elocução levando em consideração a informação contextual exigida pela estrutura semântica da sentença proferida, a tarefa da Pragmática consiste em estudar o uso dos recursos linguísticos (ou outros) por meio dos quais um falante transmite as suas intenções comunicativas e um ouvinte as reconhece – tarefas distintas, mas indispensáveis para a interpretação de uma elocução.

Ainda no capítulo 2, vimos que, diante de questões teóricas enfrentadas pela Pragmática quanto à sua natureza, objeto, métodos e origens, é possível distinguirmos dentro desse campo diversas perspectivas ou correntes distintas de estudos, bem como destacamos que o fenômeno da polidez linguística é um dos tópicos mais produtivos da pesquisa pragmática desde a década de 1970. Esse fenômeno pode ser entendido como fruto da necessidade do homem de manter o equilíbrio das relações interpessoais. A partir do modelo proposto por Brown e Levinson (1987 [1978]), a polidez passa a ser vista como ação estratégica e racional, que é comunicada na interação e serve à manutenção da coesão social. Também aprofundamos a discussão acerca do modelo de polidez a partir das reformulações propostas por Kerbrat-Orecchioni (2006), que solucionam boa parte dos problemas e limites do modelo de Brown e Levinson (1987

[1978]), possibilitando um modelo ampliado e aperfeiçoado que oferece um suporte teórico consistente para a realização da análise do fenômeno da polidez linguística.

No capítulo 3, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, a qual está inserida no quadro teórico da Pragmática e voltada para uma linha de abordagem qualitativa de cunho interpretativo, apresentamos a constituição do *corpus* e fizemos uma amostra da análise do *corpus*. Em seguida, esclarecemos os procedimentos de análise dos dados obtidos. Buscamos verificar as estratégias de polidez utilizadas pela figurinista, pelo ator e pelos comentadores nas matérias jornalísticas, para isso, tomamos como base para análise a reformulação do modelo de polidez de Brown e Levinson (2011[1987]) proposta por Kerbrat-Orecchioni (2006).

A partir da análise realizada, verifica-se que, nos depoimentos, a figurinista Susllem Tonani faz uso de atos ameaçadores em relação à imagem do ator, mas também afeta sua imagem e das mulheres, deixando sua própria imagem aberta. Já o ator José Mayer tem a cautela de não ameaçar a imagem da figurinista e tem como principal objetivo preservar e recuperar sua própria imagem. Desse modo, ela utiliza mais estratégias de acusação de imagem e ele utiliza mais estratégias de preservação de imagem. Podemos constatar os objetivos deles, ao fazer os depoimentos, no quadro a seguir:

Quadro 9 – Resumo dos depoimentos da figurinista e do ator

	Susllem Tonani	José Mayer
Características:	Mulher branca, bonita, alta; Figurinista assistente; Sentiu-se ridicularizada e desprotegida.	Homem branco, ator, rico, garanhão; Protagonista da novela; Fruto de uma geração machista.
Objetivos:	Denunciar; Alertar; Ser acolhida pelas mulheres.	Esclarecer; Defender-se; Recuperar sua imagem e se mostrar melhor do que era.

Fonte: Produção da autora.

Observamos ao longo da nossa análise que a polidez tem como papel regular a interação comunicativa, fazendo o uso de estratégias/mecanismos com a finalidade de atenuar ou evitar as tensões nas interações, servindo tais aspectos como balizadores entre a distância social e a intenção do locutor, bem como da imagem social que os locutores apresentam para um público específico, a qual necessita ser preservada e mantida de acordo com as intenções persuasivas demandadas.

Com relação aos comentários, os locutores se sentiram mais à vontade por causa do anonimato e fizeram seus julgamentos das imagens que os próprios envolvidos projetaram a partir dos depoimentos. Vale ressaltar que os comentários *online* foram das matérias jornalísticas dos sites de notícias *G1* e *Folha de São Paulo*. Entre os 42 comentários selecionados dentro do total de 402, temos a seguinte categorização: 10 comentários preservaram a mulher, 14 comentários acusaram a mulher, 5 comentários preservam o homem, 7 comentários acusaram o homem, 2 comentários concordaram com a emissora e 4 comentários acusaram a emissora. Dentro dessa classificação, os comentários que preservaram a imagem do homem são todos do site *G1*. Essa característica e outras mostram que os perfis de comentadores no site *G1* fazem mais julgamentos e buscam justificativas para defender o ator e acusar a figurinista; em contrapartida, os perfis dos comentários feitos no site *Folha de São Paulo* mostram interesse em averiguar o caso como realmente aconteceu.

Desse modo, verifica-se um comportamento diferenciado no uso de estratégias de preservação de face entre a acusadora, o acusado e os comentadores, que são anônimos, com as especificidades de cada um e as finalidades que se propõem em cada texto, visto que há uma relação de diferenças sociais, de gênero e de opinião.

Acreditamos que este estudo conseguiu oferecer respostas relativamente satisfatórias às questões que levantou, a partir da perspectiva teórica adotada e das correlações e análises realizadas. É fato que o percurso investigativo impõe-nos escolhas teóricas e metodológicas que determinam o privilégio de certos aspectos do fenômeno investigado, em detrimento de outros, isto ocorre, pois qualquer fenômeno estudado é sempre considerado a partir de determinado ângulo que se adota para observá-lo, não havendo, assim, ponto de vista absoluto, pois outras propostas podem ser realizadas, como um desdobramento para um doutorado.

Neste estudo, investigamos as estratégias de preservação e de acusação de face que integram os discursos produzidos por jornalistas, ator, figurinista e leitores que fizeram comentários *online* sobre a denúncia de assédio sexual. Tais estratégias podem ser observadas em falas machistas, em que se percebem, entre outros procedimentos, atenuações e oscilações de escolhas lexicais. Nessas falas específicas, os falantes procuram usar estratégias de preservação de face para manter a harmonia e para projetar uma imagem de si que seja adequada às prescrições sociais. Isso porque há maior probabilidade de obter sucesso no convívio social. Vale ressaltar a importância e a contribuição deste trabalho para os estudos do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS).

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, F. Introdução. In: _____. *A Pragmática*. Trad. Márcio Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. **Na ponta da língua**, v. 8, p. 09-20.

ARRUDA, H. M. **O assédio sexual no direito do trabalho**. Repertório IOB de jurisprudência. n. 14/98, jul.98, caderno 2, p. 288.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. 4. ed. São Paulo: Ática. 2v. v2: As técnicas do jornalismo, 1990.

BERTUCCI, Roberlei Alves.; NUNES, Paula Ávila. **Interação em rede social**: das reações às características do gênero comentário. *Domínios de Linguagem*. v. 11, n. 2^a, p. 1 – 26, 2017.

BROWN, P e LEVINSON, S. **Universals in Language Usage: Politeness Phenomena**. In: GOODY, Esther (Ed.). *Questions and Politeness*. Strategies in social interaction. Cambridge: CUP, 1978.

_____. *Politeness*. Some Universals in Language Use. Cambridge: CUP. 1987.

CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Orgs.). **Descortesia e cortesia**: expressões de culturas. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

CARNAP, R. **Logical Syntax of Language**. Trad. Amethe Smeaton. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1937.

CASTILHO, Ataliba F. de; CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado**. 2 ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1993.

CASTILHO, Ataliba F. de; ELIAS, Vanda Maria. Adjetivos. Advérbios. In: **Pequena Gramática do português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. (Tradução de L. Garcia dos Santos). São Paulo: Ática, 1987.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

CRYSTAL, D. **Language and the internet**. Cambridge: Cambridge Iniversity Presss, 2001.

DASCAL, Marcelo. Pragmática e intenções comunicativas. In: **Interpretação e compreensão**. Tradução de Márcia Heloísa Lima da Rocha; supervisão de tradução: Marcelo Dascal. São Leopoldo – RS: Editora da Unisinos, 2006.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.85.

DINIZ, M. H. **Dicionário Jurídico**. V.3. São Paulo: Saraiva, 1998, p. 122.

ESCANDELL-VIDAL, V. Cortesía, fórmulas convencionales y estrategias indirectas. In: **Revista española de lingüística**. n. 25, 1995. p. 31-66.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**. In: R.A.E./Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (ed.). **Fundamentos metodológicos da linguística**: problemas, críticas, perspectivas da linguística. Tradução: João Wanderlei Geraldi. São Paulo: UNICAMP, 5, 1982 [1975].

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Es universal la cortesía? In: BRAVO, D. y BRIZ, A. (EDS.) **Pragmática sociocultural**: estudios sobre el discurso de cortesía en español. Barcelona: Ariel, 2004, p. 39-53.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação**: princípios e métodos. Trad. FILHO, C. P. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

LAKOFF, R. **The Logic of Politeness**; or, Minding your P's and Q's. Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 1973.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LEVINSON, S. C. O âmbito da pragmática. In: **Pragmática**. Trad. Borges, L. C. e Mari, A. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MANNING, P. **Dog Whistle Politics and Journalism**. Sydney: Australian Centre for Independent Journalists, 1979.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MORRIS, C. W. **Foundations of the Theory of Signs**. São Paulo: Eldorado Tijuca / Universidade de São Paulo, 1938.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. (2009) **A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto**. In: DA HORA, Dermeval (org.) ANAIS do VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa: Ed. Ideia, 2009.

NASCIMENTO, Jaqueline dos Santos. **Relações de sexo/gênero e polidez linguística na fala de universitários de Lagarto/SE**. Dissertação (Mestrado em Letras) – São Cristóvão, 2016.

NEVES, J.L. **Pesquisa qualitativa** – características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, V. 1, Nº 3, 2º Sem./ 1996

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 47-68.

PAVEAU, Marie-Anne & SARFATI, Georges. **As Grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Vanice Oliveira Sargentini, Cleudemar Alves Fernandes. São Carlos: Claraluz, 2006.

REGINATO, Andréa Depieri de Albuquerque. **Obrigação de punir: racionalidade penal moderna e as estratégias de controle da violência doméstica contra a mulher**. Tese (Doutorado em Sociologia). São Cristóvão: UFS, 2014.

SANTOS, A. **Assédio sexual nas relações trabalhistas e estatutárias**. Rio de Janeiro: Forense, 1999, p.85.

SANTOS, Jorge Henrique Vieira. **Polidez e inclusão: o “ser” e o “parecer” no discurso de professores sobre inclusão da pessoa com deficiência na escola**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Cristóvão: UFS, 2012.

SILVA, Leilane Ramos da. **O estatuto discursivo das CLCD(s): um diálogo com a Teoria dos Atos de Fala**. Tese de Doutorado. João Pessoa: PPGL, 2005.

WHATTIS, R. J. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Disponível em: <<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/>> Acesso em: 29 de jun. 2017.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1871543-jose-mayer-da-globo-e-acusado-de-assedio-por-figurinista-ator-nega.shtml>> Acesso em: 29 de jun. 2017.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/04/tv-globo-suspende-ator-jose-mayer-por-tempo-indeterminado.html>> Acesso em: 29 de jun. 2017.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/figurinista-diz-a-policia-que-nao-vai-processar-jose-mayer.ghml>> Acesso em: 29 de jun. 2017.

ANEXOS

ANEXO A – COMENTÁRIOS FEITOS NA MATÉRIA DO SITE DE NOTÍCIAS G1

(F 1)



HÁ 5 MESES

É por isso que nunca vai melhorar , se ela denunciou as redes sociais e a televisão, está fugindo do processo porque ? Esse tipo de comportamento masculino podre, nojento tem que ser combatido, repudiado. Muitas mulheres foram a público em apoio a ela e agora faz isso ? Inconcebível

👍 59 🗨️ 28 •

(M 2)



HÁ 5 MESES

Pra mim não teve nada, ela deve ter feito um acordo pra ganhar uma grana. Na verdade é o que sempre desejou desde o início.

👍 37 🗨️ 4

(F 3)



HÁ 5 MESES

em outro site esclarece um pouco mais, eles tiveram um relacionamento... e por isso que ela não processou... agora é de repensar a história toda!!!! eu hein

👍 12 🗨️ 0

(M 4)



HÁ 6 MESES

Resumindo: Ela nem se incomodou tanto assim com o tal assédio querendo na verdade é tirar proveito da situação. O que provavelmente acabou conseguindo, pois, alguém tem dúvida de que ela levou algum por fora?

👍 20 🗨️ 3 •

(M 5)



HÁ 6 MESES

acho plausível a decisão dela de não levar o processo adiante, afinal a repercussão que o caso deu já é suficiente. Além do mais, um processo só ia desgasta-la ainda mais.

👍 6 💬 17 •

(M 6)



HÁ 6 MESES

Bem agora só falta ela sair na Paparazzo, programa da Luciana Gimenez, faustão e Playboy. Piada!

👍 26 💬 3 •

(M 7) – (M 8) – (M 9)



HÁ 11 MESES

Única coisa errada que ele fez foi pegar nas partes íntimas sem consentimento da mesma resto ,nada de mais !

👍 12 💬 33

• **VER MAIS 1 COMENTÁRIO**



HÁ 11 MESES

verdade e o palmeiras nao tem mundial

👍 9 💬 8



HÁ 11 MESES

Pior é o grêmio que não tem mundial e não tem casa

👍 5 💬 9

(F 10) – (F 11)



HÁ 11 MESES

Milhares de mulheres gostariam de ter um caso com o sujeito, eu acredito, e ele protagoniza um ato assim? Foi mau meu velho! Pior é ter que dar cara a tapa. Caraca!

👍 9 💬 13



HÁ 11 MESES

Ela não pode então não querer ser tocada intimamente por ele porque outras mulheres gostariam de ser tocadas? Sua lógica é bem retardada.

👍 7 💬 3

(M 12)



HÁ 11 MESES

O QUE DEVE ACONTECER NA GLOBO ATRAS DAS CAMARAS, OS MAIS PODEROSOS TEM FAZEM O QUE QUEREM, PORQUE OS MENOS TEM MEDO DE PERDER O EMPREGO, ESTA MOÇA DEVE SER UMA EM 1 MILHAO QUE TEVE CORAGEM. O PODER PARALELO DA GLOBO NA POLITICA, NO ESPORTE, NAS ENTREVISTAS, ETC ETC UM DIA VAI ACABAR.

👍 40 💬 6

(M 13) – (M 14)



HÁ 11 MESES

Será que se essa figurinista tivesse seu contrato de trabalho renovado ela estaria fazendo esse circo todo? Pelo que eu li nas matérias sobre esse assunto a mesma teve o contrato rescindido porque a novela na qual ela estava trabalhando acabou

👍 7 💬 17



HÁ 11 MESES

Então é plausível o Zé Mayer abusar de todas as mulheres porque estão sendo pagas? Nojo do seu raciocínio

👍 6 💬 1

(M 15)



HÁ 11 MESES

Globo faltou dizer o que vai fazer para parar o que provavelmente ainda acontece com outros, punir prováveis outros feitos no passado e evitar futuros abusos.

👍 25 💬 3



(M 16)



HÁ 11 MESES

Perfil típico dessa classe de atores onde a promiscuidade corre frouxa.

👍 4 💬 2



(M 17)



HÁ 11 MESES

A rede globo agiu muito bem, com este comportamento desta pessoa empobrece e suja a imagem dos homens. Aproveitando a oportunidade, passo pelo amor de Deus, acaba com este programa BBB17 que é passada o mesmo sentido de pejoração.

👍 8 💬 4



(M 18) – (F 19)



HÁ 12 MESES

Sé pegava as lindas quiz pegar mulher pobre e feia deu nisso kkk pq não pegou a Anita de novo ainda dá um caldo kkk.

👍 9 💬 19



HÁ 12 MESES

meu nome é luciana acho um absurdo qualquer tipo de assedio ou preconceito mais aturar isso durante 8 meses me parece que a reclamante estava gostando ou esperando um lindo casamento com flor de larajeiras

👍 6 💬 11



(M 20) – (M 21)



HÁ 12 MESES

Se valesse a pena pelo menos. Essa Sus lem é bem feinha!

👍 10 💬 16



HÁ 12 MESES

Pois é...esse velhinho deve estar gagá mesmo, pensei que tivesse sujado sua imagem por algo melhor...rsrs

👍 5 💬 9

(M 22)



HÁ 12 MESES

oito meses eu axo q ele pegou mas coisa vamos ver a verdade oo historia mau contada 8 e demas

👍 2 💬 7

(F 23)



HÁ 12 MESES

todo mundo esquece do golpe militar, dos testes de sofa so levaram isso a tona porque deve ter algum interesse por tras disso, mais enfim o pais vive uma situação imoral em tudo, hospital, escolas, consumo de drogas no meio da rua lava ajatos caindo fora, primeira dama do estado rio (cabelo, massagem, podologa tudo caviar porque pobre nem gosta mais come para parecer chique

👍 0 💬 4

(M 24) – (M 25)



HÁ 12 MESES



nesse pais tem coisa de mais importante para se protesta e nao ta fazendo protesto de quinta tentando se promover as custa dos outros porque nao vao as ruas contra a esse governo triste que vcs colocaram e melhor do que estar colocando um pais contra a um parceiro de trabalho. desculpem esse meu desabafo

👍 6 💬 18



HÁ 12 MESES



Não se pode protestar contra abusos sexuais porque o Brasil esta com problemas politicos? Certinho você....

👍 11 💬 2

(M 26) – (M 27)



HÁ 12 MESES



Pergunto ?Se fosse um ator mais jovem que tivesse feito isso com essa figurinista ela iria fazer essa denúncia ???

👍 3 💬 18



HÁ 12 MESES



Entao quer dizer que ela pode ser abusada se o cara for jovem? Acho q vc nao entendeu que abuso é qualquer coisa feita a você que seja contra sua vontade. Se ele quisesse não seria abuso. Larga de ser idiota!

👍 7 💬 1

(M 28) – (M 29)



HÁ 12 MESES



Julgar é tão fácil... boa parte dos "machos" aqui já assediou ou importunou mulheres na vida. E vêm arrotar moral pros outros. Solidarizo-me com a moça, que foi realmente humilhada.

👍 17 💬 7



HÁ 12 MESES



esta defendendo o Zé Mayer entao? Vire gente pfv!

👍 1 💬 3

(M 30)



HÁ 12 MESES



Estão querendo torrar o José Mayer parece que estamos na época da inquisição. Ora até que se prove o contrário ele ainda é considerado inocente

👍 1 💬 11

(F 31)



HÁ 12 MESES



Fiquei decepcionada com o José Mayer, sempre fui muito fã, que pena!!! Lamentável,!!!!!!

👍 2 💬 2

F (32)



HÁ 12 MESES



Se ele tem uma esposa ja começou errado dando em cima de mulher sendo comprometido

👍 14 💬 4

ANEXO B – COMENTÁRIOS FEITOS NO SITE DE NOTÍCIAS *FOLHA DE SÃO PAULO*

(M 33)

15h44

03/04/2017

Facebook

Twitter

Google Plus

Responder

Denuncie

0

0

É o tipo de situação difícil de comprovar, ainda mais quando há omissão e conivência de outras pessoas dentro do ambiente em que supostamente ocorreu.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

(F 34) – (F 35)

02/04/2017 13h59

Facebook Twitter Google Plus Responder Denuncie 1 0



A atitude do ator é própria de um machismo desmesurado, do encantamento narcisista de uma pessoa doente que se acha irresistível. Não somente deve o ator arcar com as consequências de sua baixaza, como também responder civilmente por seu ato. Que lhe doa o bolso. É o que merece!!!

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

02/04/2017 09h39

Facebook Twitter Google Plus Responder Denuncie 1 0



Outras atrizes, como a Leticia Sabatela, já deram à moça seu apoio. Acho que ela deve processar o ator, segundo o relato dela ao menos 32 pessoas viram e ouviram os abusos desse senhor, um tanto decadente já - será que nenhuma delas dirá na justiça o que presenciou? Quanto à empresa, duvido muito que puna o funcionário, ou já o teria feito.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

(M 36) – (M 37) – (M 38)

31/03/2017 19h39

Facebook Twitter Google Plus Responder Denuncie 8 0



Já ouvi falar que ele é considerado "garanhão". Provavelmente sempre agiu desse modo e nunca foi denunciado pelas vítimas. Mas, agora, foi e pode se dar muito mal, para largar de ser machão. E a emissora? Não tem nada a dizer?

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

01/04/2017 00h22

Facebook Twitter Google Plus Denuncie 3 0



A emissora já disse. Você leu a notícia, Nestor? Pela Constituição Federal, queiramos ou não, todos são inocentes até que se prove o contrário. Então está certa a emissora. Disse que o assunto é sério e já está apurando.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

31/03/2017 19h08

Facebook Twitter Google Plus Responder Denuncie 6 0



Isso tudo é muito grave. Merece uma averiguação rigorosa.

O comentário não representa a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem

(F 39)

04/04/2017 13h57



A antiga sabedoria sempre sugeriu que a "profissão" de ator fosse coisa de vagabundos. Desde criança vejo depoimento de atores e atrizes reclamando que a profissão não era valorizada, era considerada uma atividade menor, de gente desclassificada. A cada dia que passa mais percebo que os "antigos" é que estavam certos em seu julgamento. Hoje, com a inversão de valores, essa "profissão", infelizmente, é superestimada, levando a casos patéticos como esse.

(F 40)

03/04/2017 19h42



Olha pra mim ele cometeu um grande equívoco ao dizer, em nota, pra não misturarem ficção com realidade, mencionando seu personagem Tião... não entendi nada. Freud explica. Na minha opinião ele que misturou as coisas, achando ser irresistível.

(F 41)

02/04/2017 13h59



A atitude do ator é própria de um machismo desmesurado, do encantamento narcisista de uma pessoa doente que se acha irresistível. Não somente deve o ator arcar com as consequências de sua baixaza, como também responder civilmente por seu ato. Que lhe doa o bolso. É o que merece!!!

(F 42)

01/04/2017 09h08



Pedi demissão num emprego, quando tinha dezenove anos, porque um dos gerentes tentou me beijar à força. Na época, nem adiantava falar nada. No dia seguinte pedi demissão e fui acusada de furto. E fiquei receiosa em denunciar. Espero que a Globo não atire pedradas na moça. Lamentável em pleno séc. XXI a mulher ser assediada.